

**UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ**

**SÉRGIO RICARDO FERREIRA JUNIOR**

**SOCIETÁ SPORTIVA PALESTRA ITÁLIA:  
FUTEBOL E IMIGRAÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO  
(1889-1945)**

**CURITIBA  
2014**

**SÉRGIO RICARDO FERREIRA JUNIOR**

**SOCIETÁ SPORTIVA PALESTRA ITÁLIA:  
FUTEBOL E IMIGRAÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO  
(1889-1945)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a disciplina de Orientação Monográfica do Curso de História-Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Pedro Oscar Valandro

**CURITIBA  
2014**

## **AGRADECIMENTOS**

Após alguns anos de muita dedicação, empenho e aprendizado que de certa forma, possibilitou uma ampliação de conhecimentos permitindo a formação de ideologias e concepções sobre a história, faço meu agradecimento especial aos meus professores, que me transmitiram o conhecimento, com intuito de mostrar o caminho da sabedoria e criticidade. Aos meus familiares que estiveram comigo nos momentos difíceis, durante esses anos e que contribuíram com a criação desse trabalho, sendo pacientes, afinal, foram anos de esforço, sacrifícios, mesmo tendo desanimado por alguns momentos, me incentivaram a persistir e a valorizar mais o meu tempo, para que através dessa formação eu possa colher os frutos que me permitirão compartilhar com outras pessoas tão curiosas por novos saberes como eu fui e ainda sou.

Agradeço também aos amigos que surgiram no decorrer do curso e conviveram nessa labuta com projetos, apresentações, avaliações, discussões positivas acerca de tudo que estávamos vivenciando, onde aprendi a dividir conhecimentos, experiências e alegrias.

Enfim, meu muito obrigado a todos que contribuíram intelectualmente para minha formação, meu trabalho e minha vida.

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho ao meu pai, Sergio Ricardo Ferreira que sempre apoiou, meu irmão Paulo Ricardo Ferreira, minha irmã Carla Rebelo Oliveira Bochio, Elane Rebelo Oliveira (madrasta) a qual considero como uma mãe, a minha mãe Vilma Ruzzene de Mello, João Paulo Rialto da Silva meu primo, que considero como um irmão e por fim, a Sociedade Esportiva Palmeiras que completa nesse ano seu centenário e por isso, deixo aqui minha homenagem ao clube e todos os torcedores que recordam os anos de “lutas e de glórias” do Palestra que virou Palmeiras.

Esse trabalho é para vocês! Que acreditaram e depositaram sua confiança em mim.

# SÚMARIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	06
<b>1. SÃO PAULO UMA CIDADE ITALIANA? : IMIGRAÇÃO E MODERNIZAÇÕES NA SOCIEDADE PAULISTA DURANTE O INÍCIO DA REPÚBLICA</b> .....	09
1.1. SÃO PAULO: “ORDEM E PROGRESSO”?.....	09
1.2. INVASÃO ITALIANA: “FARE I' AMÉRICA”.....	19
1.3. “E ADESSO QUE FARE”? : CAFÉ COM POLENTA.....	26
<b>2. O FUTEBOL É UM LAZER, STATUS OU MOVIMENTO CULTURAL?</b> .....	34
2.1. UMA BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL.....	34
2.2. “FORZA DA SQUADRA AZZURRA”.....	45
2.3. A “GÊNESE”: SOCIETÁ SPORTIVA PALESTRA ITÁLIA.....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	72
FONTES.....	74
REFERÊNCIAS.....	76
BIBLIOGRAFIA.....	77
ANEXO.....	81

## INTRODUÇÃO

A Revolução Científica – Tecnológica desencadeada ao redor de 1870 foi à rápida expansão das cidades, dando a origem às metrópoles e megalópoles contemporâneas. Esse fenômeno foi decorrente das imigrações em massas provocadas pelo alcance global das novas tecnologias, que na sua fome por novas fontes de matérias-primas e mercado abrangeu todos os territórios da superfície do planeta numa feroz e cúpida corrida imperialista. (Nicolau Sevcenko)

A cidade de São Paulo presenciou modernizações de cunho tecnológico, político e comportamental, seja pela industrialização que desenvolveu investimentos na infra-estrutura, juntamente com o Estado para conter o crescimento demográfico que moldou a sociedade, fato que criou em pouco tempo um status de metrópole e megalópole, concentrando em São Paulo um pólo de decisão político-administrativo do país.

Essa modernidade serviu como propaganda para atrair imigrantes europeus com o intuito de promover uma substituição do trabalho escravo para o assalariado. Os novos moldes políticos da República Brasileira de “ordem e progresso” legitimaram a intensa propaganda de “Fare l’ América”, tal fato culminou em imigrações em massas para o novo continente na tentativa de ter melhores condições de vida. Diante dessa conjuntura, muitos imigrantes chegaram ao Brasil e se depararam com um país diferente do anunciado com dificuldades de inserção, sendo assim, o futebol tornou-se como um mecanismo de movimento cultural para preservar a cultura e se inserir na sociedade.

Em face desses acontecimentos, esse trabalho foi organizado em dois capítulos. O primeiro capítulo trata-se de um retrato de São Paulo com a presença dos imigrantes, afinal, “*São Paulo é uma cidade italiana?*” Estudiosos como Trento (1988), Alvim (1986) e Mimesse (2013) enfatizam a quantidade de imigrantes no Estado Paulista e seus diversos dialetos. A partir desse questionamento, o trabalho foi dividido em três subitens: a) *São Paulo: “Ordem e Progresso”?* Sobre a transição do Império para a República e os ideais republicanos de progresso e branqueamento. b) *Invasão Italiana: “Fare l’ América”;* é discorrido sobre a

quantidade de imigrantes que chegaram ao Brasil. De como foram as propagandas, a conjuntura político-econômica do continente europeu, os dois modos de imigração, a espontânea e subsidiada. c) *“E adesso que fare”? : Café com polenta*; serão descritos contradições sobre o lema de ordem e progresso, pois o Brasil nem sempre foi moderno e por mais que se buscasse um grau de civilização, a realidade fugia das propagandas governamentais no exterior.

O segundo capítulo conta com três subitens, porém com o tema, *Futebol é um lazer, status ou movimento cultural?* A prática desse esporte movimentou em pouco tempo multidões às ruas, parques, estádios e bairros, permitindo uma sociabilidade e, por isso essa modalidade reuniu grupos étnicos, políticos e populares com interesses distintos, fato que foi pesquisado nesse trabalho. Eis os subitens: a) *Uma breve história do futebol*; será uma investigação sobre o esporte elitista para a popularização, o amadorismo tornando-se um profissionalismo e por fim, um meio de constituir uma identidade nacional, através do esporte que mesclou aspectos culturais, regionais, com tradições de gingas e danças, modificando a maneira de praticá-lo, remodelando esse esporte com a cara do brasileiro. b) *“Forza Squadra Azzurra”*; o papel do futebol para formar o nacionalismo durante as três primeiras Copas do Mundo, a importância do futebol para a política dos países participantes da copa. c) *A “Gênese”: Società Sportiva Palestra Itália*; nesse momento, o futebol passou a fazer parte de um movimento cultural pelos italianos, mas qual foi a importância desse esporte para os imigrantes? Por que eles criaram uma comunidade imaginada, em torno de uma equipe de futebol? Qual foi a importância dessa equipe para o futebol brasileiro.

Esse trabalho tem como objetivo:

Mostrar a importância do imigrante para a república, identificando algumas contradições nas propagandas ideológicas do Estado com a realidade social;

Identificar a importância do Futebol para o imigrante italiano (no caso Palestra Itália),

Analisar os diversos interesses que moveram e ainda movem a prática desse esporte idolatrado no Brasil.

A simpatia com a temática de Futebol e imigração ganhou vida com a iniciativa de valorizar a história da Sociedade Esportiva Palmeiras que completa esse ano seu centenário.

A partir disso, utilizei as fontes dos jornais como O Estado de São Paulo (OESP), Platéia, Fanfulla e Correio Paulistano, a revista comemorativa do clube com entrevistas de Oberdan Catani, Luiz Gonzaga Belluzzo e Olavo Realli, além de Stuart Hall, construindo uma conexão entre a comunidade imaginada, conceito que aplica a formação de uma identidade nacional dos imigrantes italianos movendo o sentimento patriótico, mas vivendo em outro território.

O futebol assim como a arte em todos os seus aspectos, arquitetura, permite diversas releituras do mundo, do indivíduo e suas subjetividades. Fazendo que haja troca de experiências, conhecimentos, criando uma multiplicidade ideológica no Brasil, atraindo as diversas classes e firmando o nacionalismo tão defendido por Getúlio Vargas, a partir de 1938, com a excelente campanha da seleção brasileira na Copa do Mundo que levou a população ao delírio, pois o rádio transmitia pela primeira vez uma Copa.



## **1. SÃO PAULO A CIDADE DOS IMIGRANTES? : MODERNIZAÇÕES NA SOCIEDADE PAULISTA DURANTE O INÍCIO DA REPÚBLICA**

### **1.1. SÃO PAULO: “ORDEM E PROGRESSO”?**

Toda remodelação parte de uma iniciativa modernizadora para que os esforços, problemas, sofrimentos, além das dificuldades possam ser superados por outra maneira mais ágil e eficiente, a fim de ultrapassar as barreiras criadas no decorrer do tempo. A sociedade de modo nenhum pode ser tratada como um objeto fixo, imóvel e permanente até por que o ser humano vive em constantes mudanças no seu habitat natural, não é diferente quando se fala de estruturas políticas.

A sociedade nada mais é do que o reflexo do homem em sua temporalidade, além de ser indiscutível a força que exerce nas instituições criando regras, normas e as modificando. Por isso, a transição política do Brasil Império para o Estado Republicano proporcionou grandes mudanças nas relações humanas, na esfera política e, sobretudo geográfica incluindo crescimento demográfico causado pelo desenvolvimento industrial e grandes movimentos imigratórios. Quais seriam seus destinos? Foram países na América do Sul (Chile, Brasil e Argentina) e na América do Norte (Estados Unidos).

Nesse período de transição política, havia a diversidade ideológica tanto entre os republicanos e quanto abolicionistas que combatiam a escravidão, defendendo os direitos aos escravos, pregando a integração social. Enquanto os imigrantistas idealizavam que somente a chegada de europeus poderia reabilitar o povo brasileiro para um avanço rumo ao progresso.

De certo modo, tais discussões ideológicas por parte dos abolicionistas sobre a escravidão ganharam força após muita luta alcançando a abolição da escravatura. Mas isto por que, o principal aspecto econômico utilizado no decorrer da história do Brasil pelos portugueses para extração das riquezas naturais, foi a escravidão, que iniciou durante a era colonial e se prolongou mesmo depois da independência. Porém, esse meio de explorar economicamente o país já não trazia tanto benefício a elite de São Paulo e muito menos aos coronéis que cultivavam a cana de açúcar; além de deixar de ser o modo mais barato e efetivo

de extrair as riquezas havia outros empecilhos, tais como dificuldade para a chegada de escravos ao território brasileiro, por conta da Lei Eusébio de Queiroz (1850) <sup>1</sup>, que proibia o tráfico negreiro, e também da crise econômica nas áreas da cana de açúcar e superprodução do café. Ou seja, a necessidade da ampliação do mercado consumidor pelos países industrializados especificamente a Inglaterra, criou uma barreira entre o capitalismo industrial e o sistema colonial.

Por isso, não era mais salutar uma política que trazia em si adjetivos ruins à nação e dificultando as relações externas com a Europa, cuja sociedade era considerada superior e civilizada, por não mais utilizar os escravos como base de sustentação econômica, enquanto as que ainda se utilizavam de tal prática eram consideradas mais próximas à barbárie do que do conceito de civilização empregado naquele momento.

A substituição desse sistema econômico era uma questão para o Estado, visto que não trazia benefícios na esfera política e econômica. Porém, como substituiriam a mão de obra escrava nas lavouras e por quem? Embora a Lei Eusébio de Queiroz tenha dificultado o tráfico de escravos e a pressão dos abolicionistas tenha sido fundamental para a abolição, o Estado ainda buscava meios para substituir o trabalho escravo organizando uma política que garantia ao trabalhador um salário pelo serviço. Mas, tais idéias foram pensadas por estrangeiros e incorporadas na tentativa de modernizar a sociedade; justificativa essa, que propagava uma imagem brasileira a países europeus atribuindo idéias de “Fare l’ América” <sup>2</sup>, ou seja, era necessário construir uma nova sociedade idealizada pelo lema: “ordem e progresso” ou uma “modernização”, por meio do branqueamento da sociedade, mudanças essas que também tinham em seus planos a miscigenação cultural possibilitando um fluxo imigratório para o Brasil.

Em outras palavras, o governo federal neste período realizava uma intensa propaganda do território brasileiro para atrair indivíduos de diversas classes, realidades de vida e profissões para que se efetivasse a emancipação

---

<sup>1</sup> A Lei Eusébio de Queiroz criada em 1850, não teve fácil aceitação, assim como as demais que foram criadas, sobre a escravidão no território Brasileiro, como é o caso da Lei do Ventre Livre e Lei Áurea, em contrapartida, é possível afirmar, que a iniciativa de “proibir o tráfico negreiro” por parte da Inglaterra teve como objetivo ampliar o mercado consumidor, além de interagir de certa forma, com os interesses de países que buscavam um progresso.

<sup>2</sup> Tradução: “FAZER A AMÉRICA”.

tão desejada pelo Estado, afinal para atingir as idéias republicanas de “ordem e progresso”<sup>3</sup> seria necessário branquear<sup>4</sup> a sociedade Brasileira.

A Proclamação da República em 1889 originou uma nova etapa para a história do Brasil aderindo um “ar civilizador”, causada pela miscigenação social e, com o fim da escravidão, a sociedade brasileira se viu obrigada a criar instituições políticas, além, de legitimar uma nova Constituição incorporando o modelo Inglês.

A Constituição de 1891 reproduziu no artigo nº6, parágrafo 1º que “O governo federal não poderá intervir em negócios peculiares aos estados [...], para repelir invasão estrangeira, ou de um estado em outro”<sup>5</sup>. A partir desse, parágrafo constitucional, afirmar que o governo estadual tinha um modelo liberal para estabelecer relações comerciais com indústrias internacionais, bem como possibilitava a tomada de empréstimos pelos estados, diretamente de governos estrangeiros, sem que para isso fosse necessária a interferência ou autorização do governo federal.

De acordo com Skidmore:

Estados como São Paulo, por exemplo, estavam habituados a negociar diretamente empréstimos estrangeiros, a serem utilizados para melhoramentos tais como ferrovias e portos, ou para financiamento de programa de proteção ao café. (SKIDMORE, 1996, p.55).

Com a política de negociação do governo local com países estrangeiros, o fluxo imigratório para território brasileiro, se tornou em um modo efetivo para atrair a industrialização ou modernização, tão desejada pela elite que necessitava de uma ampliação no mercado, assim como os próprios europeus buscavam um crescimento comercial, estreitando a relação com a escravidão e sistema colonial.

De certo modo, os investimentos na sociedade paulistana, durante o regime republicano passaram a fortalecer a economia, fornecer melhorias na urbanização, por meio, de uma modernização que também foi incentivada até

---

<sup>3</sup> “Ordem e Progresso” foi um termo muito utilizado pela classe intelectual Brasileira que visava construir ideologias que fortificassem a Proclamação da República e almejava, por meio, de um ideário “positivista” levar a construção de uma nação a um grau maior de civilidade adaptando características, técnicas e até mesmo, ideias do velho continente.

<sup>4</sup> O conceito de branqueamento possibilitou uma miscigenação na sociedade brasileira, pois esta idéia fortalece o discurso eurocêntrico de que um país cheio de escravos e negros expressa a pobreza e indica sinais de um retrocesso político-econômico.

<sup>5</sup> Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 23 mai 2014.

mesmo por governos estrangeiros que davam passagens subsidiadas para imigrantes e recursos para indústrias.

Em meio a esse contexto, a preocupação do Estado era criar mecanismos para incluir os imigrantes na sociedade gerando oportunidades às diversas etnias. Afinal como garantir direito, emprego e uma vida melhor para o cidadão paulista e cumprir a propaganda criada no continente europeu sem que houvesse conflitos culturais e de interesses econômicos desses grupos?

Até por que o imaginário<sup>6</sup> desses imigrantes era de que eles iriam “Fazer a América”, além das promessas de terras, lotes e maravilhas criadas pelos intermediários, em contrapartida, o governo brasileiro desejava apenas uma substituição do trabalho escravo pelo imigrante e, miscigenar as etnias na busca de um branqueamento.

Por isso, essa iniciativa do Estado era de inserção social, visto que a industrialização e o aumento demográfico que a cidade paulistana presenciava problemas para o Estado que necessitava criar um ambiente “civilizador” para permitir a ação social, além do desafio do Estado em saber lidar com a diversidade e manter os laços culturais ou de pertencimento a uma nação.

Desde a emancipação política do Brasil os grupos intelectuais começavam a vislumbrar a problemática de criar uma identidade nacional, por meio da representação cultural, que direcionava a sociedade brasileira para uma época de remodelação de sistemas econômicos, políticos e principalmente cultural. Afinal, a iniciativa de criar laços de pertencimento pelos republicanos criou heróis na tentativa de formar o imaginário de cada indivíduo, visto que havia necessidade de romper com a imagem simbólica do longo processo monárquico, por meio, de uma reconstrução cultural<sup>7</sup> sendo que:

A identidade é o ponto central para as sociedades. Ela liga os indivíduos ao seu entorno e define seus pares, condiciona os modos de vida e a partir dele se reconstrói. É um processo [...] tem sua continuidade. Na modernidade tardia, a identidade é pluralizada: não se trata de uma única

---

<sup>6</sup> O Imaginário representa a identidade ou ideologias que representam de certa forma, a opinião e vivência do indivíduo dependendo do questionamento. Por isso, a construção ou remodelação do imaginário está ligado ao poder político, sendo que algumas propagandas possibilitam mudanças comportamentais na sociedade criando um enfrentamento político-social através de uma duplicidade dos fatos sociais. (HALL, 1998)

<sup>7</sup> Cabe ao Estado organizar a administração, a difusão da língua escrita e falada e criação de uma educação universal.

identidade definindo o indivíduo, mas de múltiplas, redefinindo-o a cada posição que ele assume. (HALL, *ap.* MENDONÇA COSTA, 2007; p.3.)

Para Stuart Hall, o indivíduo assume diversas identidades conforme a ação que ele realiza no espaço social, ou seja, a cada decisão, ou momento ele assume uma identidade cultural diferente que apresenta seu parecer de acordo com a necessidade do momento. A sociedade brasileira mostrou uma necessidade de criar laços entre estrangeiros e os nativos, seja pela urbanização, utilizando arquitetura moderna aproximando da técnica de construção alemã e italiana ou, pelo esporte que possibilitou os afetos e desafetos entre o indivíduo e a sociedade, além das criações de clubes de futebol em bairros para classes subalternas, e *club* para a elite.

Tal problemática conduz a indicação de Stuart Hall, pois para o autor: “As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL, 1998, p.48). Desta forma, argumenta o autor que a cultura nacional pode ser vista como: “Um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 1998, p.50).

Partindo deste pressuposto, a cultura nacional tem como função, criar laços entre a nação e os indivíduos, para que possa existir a ideia de identidade, aliás, esses laços nascem através de um discurso com intuito de conectar o presente com o passado de uma comunidade (HALL, 1998).

A formação da identidade cultural esta ligada as estórias considerando marco histórico ou lendas, interesses culturais, costumes, globalização, sociedade, heróis, símbolos, rituais, além de criar ou modificar o imaginário popular. O esporte, arquitetura, teatro e *club* deixariam de ser apenas um lazer e para torna-se um mecanismo de construção de pertencimento, além das diversas posições do indivíduo dentro da sociedade que a cada situação ou momento possibilita uma visão diferente.

Com as negociações do governo local para investir nas indústrias estrangeiras e a presença dos imigrantes culminou no aumento da densidade demográfica acolhendo tantos indivíduos ferindo infraestrutura da cidade devida crescimento desordenado.

De acordo com Pereira:

A capital do estado de São Paulo acabou impondo-se como centro político-administrativo, passando progressivamente a exercer a primazia no campo econômico, estabelecendo ligações eficientes pela concentração de negócios, de capital financeiro, comercial e industrial. Esse crescimento e diversificação econômica foram acompanhados de uma progressiva expansão espacial e demográfica da cidade, impulsionada pelo complexo exportador cafeeiro, num período que se estendeu de 1870 até a década de 1920, quando, efetivamente, começou a esboçar os contornos de metrópole. (PEREIRA, 2010, p.20)

O crescimento populacional, devido à industrialização, criou algumas situações distintas na sociedade brasileira.

Primeiramente pela rejeição do trabalho escravo, que deixaria sem “residência” e ocupação formal os indivíduos que por muito tempo foram explorados com a finalidade de gerar lucros para os grandes latifundiários e coronéis, pois nas novas conformações sócio/econômicas que se configuram na emergência da metrópole não havia lugar para ex-escravo.

Por isso as imigrações em massa, ocasionaram uma intensa “substituição do trabalho”, pensada pelo Estado e pouco imaginada pelos imigrantes italianos, espanhóis, alemães, portugueses que, recriavam a imagem de “*Fare l' América*”, ou seja, fazer a América.

Outra situação é a da própria elite cafeeira paulista, que se sentiu ameaçada pela industrialização. E a maior parte das indústrias durante a metade do século XIX e início do século XX eram brasileiras, mas tinham investimentos de estrangeiros, assim como a mão de obra era proveniente do velho mundo caso das *Indústrias Reunidas Família Matarazzo (IRFM)*.

Por isso o Estado utilizou mecanismo para moldar a “identidade nacional” e incentivar a miscigenação modificando aos poucos do padrão comportamental dos grupos étnicos.

O antigo hábito de repousar nos finais de semana se tornou um despropósito ridículo [...] Toda uma nova série de hábitos, físicos, sensoriais, e mentais, são arduamente exercitados, concentradamente nos finais de semana, mais a rigor incorporados em doses metódicas como práticas indispensáveis da rotina cotidiana: esportes, danças, bebedeiras, competições, cinemas, marchas, passeios, natações, praças, parques de diversões e excursões. (SEVCENKO, 1992, p.33)

Neste período a sociedade paulistana vivenciava constantes modernizações no hábito social, por isso vários costumes idealizados como identidade sofreram alterações principalmente nos finais de semana, sendo que os indivíduos participavam de “clubs” para lazer dos jovens, criação de parques, matinês de teatro e difusão do futebol para os bairros, arquitetura que atraía a população para os centros seja para festejar ou analisar a estrutura das construções que fazem lembrança ao ocidente com “ar civilizador”, afinal era uma maneira de remodelar a identidade cultural, segundo Stuart Hall promove uma transculturação (HALL, 1998).

A disseminação do futebol para os bairros possibilitou uma adaptação dessa modalidade à cultura popular alcançando uma grande massa, ao contrário do início do esporte no Brasil quando o futebol surgiu como prática de grupos elitistas, mas ao decorrer do tempo, especificamente no início do século XX, o futebol se adaptou à “*cultura popular*”, conflitando de certa forma, com a cultura elitista que via o esporte como um distanciamento das classes dominadas.

Criou-se um contraponto, pois, o que era para ser algo que denotasse um luxo só para a elite, acabou “caindo nas graças” do povo, de forma tão forte, que o futebol começou a ser sentido, e não apenas “a ser”, se tornou algo quase que visceral, que entrava na alma das pessoas, que viam nele, um passatempo que lhes tirava as frustrações do dia a dia, visto que eram reféns da politicagem por que nem sempre o Estado conseguiria atender toda população ainda mais com o aumento das imigrações reflexos da própria industrialização e propaganda do estado.

De acordo com Gilberto Freyre citado por Mário Rodrigues Filho, O Negro no Futebol Brasileiro:

A aqui está um capítulo da história do futebol no Brasil, que é também uma contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura brasileira na sua transição da fase predominantemente urbana.

[...]

É era natural que tomasse [o futebol] aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois tornou-se o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente — pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo belo Sexo, pela Imprensa — de energias psíquicas e de impulso irracionais que sem o desenvolvimento do futebol — ou de algum equivalente de futebol — na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante no nosso meio. O cangaceirismo teria provavelmente evoluído para um gangsterismo urbano, com São Paulo degradada numa sub-Chicago de Al Capones ítalos-brasileiros. A capoeiragem, livre de Sampaio Ferraz, teria,

provavelmente voltado a enfrentar a polícia das cidades sob forma de conflitos mais sérios que os antigos entre os valentes dos morros e guardas-civis das avenidas, agora afastadas. (FREYRE *ap.* RODRIGUES FILHO, 1947, p.10):

O descaso do governo paulista com a população ampliava a tensão entre imigrantes, Estado, elite e das classes subalternas ou indesejados. Mas, existem exemplos na história do Brasil como *Canudos*, *Cangaceirismo* e *Contestado* que reforça a idéia de “violência” para subsistência e protesto contra essas ações do governo com intuito de suprir a ausência do Estado.

Para as autoridades perder o controle social nesse momento era um fato a ser evitado e por isso, criava-se uma constante preocupação do Estado com o aumento da violência, que apenas foi fruto de um inchaço demográfico e mau planejamento urbano, Porém, a modernização seria uma espécie de panacéia corrigindo os erros para não perder o “controle social”, reforçando a arquitetura e urbanização, fatores que possibilitavam a inserção social, pois São Paulo ganhou no início do século XX traços de Metrópole e Megalópole.

O crescimento desordenado da cidade alimentou a insegurança do governo, que fazia de tudo para evitar o bandidismo. Para *Sun Tzu*: “A arte da guerra é de importância vital para o Estado. É a província da vida ou da morte; o caminho de segurança ou à ruína” (TZU *ap.* MAGNOLI, 2009, p.11). Partindo desse pressuposto, há iniciativa de modernizar o modo de governar para que não houvesse nenhuma ruína ou bandidismo de classes inferiores que também sofriam durante as três décadas do século XX, pelos “5 gés”<sup>8</sup>.

Em meio a esse contexto o governo de São Paulo buscou a maquiagem desses problemas sociais incorporando dois mecanismos, sendo eles: a modernização<sup>9</sup> e o pão e circo que é lazer e cultura para as classes subalternas.

Manter o controle social foi uma iniciativa dos governantes locais, como fariam isso? A resposta está na modernização que foi utilizada como maneira de

---

<sup>8</sup> A gripe espanhola, a geada, os gafanhotos, a primeira grande guerra e as greves formam o 5 gés.

<sup>9</sup> O conceito de modernização neste trabalho se refere às mudanças na conjuntura política, na economia e principalmente social. Essas mudanças passam ocorrer a partir da Revolução Francesa e Revolução Industrial na Inglaterra, visto que esses fatos ganharam grandes proporções e foram de suma importância para sua interligação se espalhando internacionalmente ficando conhecido como ocidentalização ou europeização, porém alguns anos após surgiu um nome mais compreensível desse fenômeno como modernização. (BOBBIO e MATTEUCCI *ap.* STREAPCO e RÚBIO, 2009).



esfriar os ânimos e promover uma inserção social entre as diversas etnias, ampliando, uma sociabilidade por meio do futebol que agregou as massas populares.

Com o desenvolvimento econômico proporcionando traços de metrópole a capital paulista transformou-se em um centro político-administrativo, fato esse que transformou São Paulo em um ótimo destino para os imigrantes que buscavam melhores condições, mas diante desse crescimento em São Paulo a falta de infraestrutura tornou-se uma preocupação para a população e principalmente para os imigrantes que ouviram promessas que em sua maioria não foram cumpridas.

Por isso, a modernização possibilitaria uma aproximação cultural, remodelando essa diversificação alterando o padrão comportamental da população, pois segundo Sevcenko “Haverá alguém por aí que não se tenha divertido ontem?”. São Paulo em pouco tempo virou as avessas desenvolvendo traços de metrópole e um toque de “ar civilizador”, tanto que as indústrias internacionais negociavam diretamente com o Governo Estadual, principalmente o capital imobiliário pela *Light and Power Company* e a *São Paulo Tramway*. Enquanto o velho continente estava doente, por causa da grande guerra culminando em um mal estar na civilização.

O governo Brasileiro utilizou-se do conceito de modernidade no que se refere à construções sofisticadas com ajuda de arquitetos estrangeiros para motivar os diversos grupos étnicos e nacionalizar a população, afinal, vários bairros, parques e praças com arquitetura internacional colocando um toque europeu para civilizar o novo continente como era visto pelos imigrantes, essas mudanças arquitetônicas envolveram modificações importantes nas relações de trabalho e social dos “jovens” que criavam também novos entretenimentos, vistos como moda segundo Sevcenko.

Além da arquitetura e urbanização que são frutos da modernização na cidade de São Paulo outro aspecto atinge as massas. É o esporte, mais especificamente o futebol que chegou ao Brasil com Charles Miller, Hans Nobiling e Oscar Cox, e foi no início do século XX, disseminado as demais classes sociais, sendo que em 1919 atingiu muitos adeptos na final do campeonato regional entre Palestra Itália clube criado pelos imigrantes italianos contra a equipe dos operários ingleses Corinthians.

O povo quer espetáculo? Assim seja! Pois a difusão dessa modalidade arrancou muitos aplausos para a equipe da elite paulista conhecida como Paulistano, mas também trouxe alegria para imigrantes e operários. De certa forma, esse esporte se tornou uma válvula de escape para filtrar as desigualdades sociais que ocorriam no período sejam elas sofridas por italianos que perderam tudo na enchente do rio Tietê e foram iludidos pelo Estado ou para a classe baixa que na maioria das vezes não tinha oportunidades para trabalho, por que a indústria normalmente preferia trazer mão de obra estrangeira.

Antunes diz que:

Da Várzea do Carmo, os campos se alastraram por toda a cidade, sobre tudo nos bairros operários, situados ao longo das estradas de ferro [...] A cidade vivia intensamente a experiência do trabalho fabril e passava a conhecer a necessidade imperativa de sociabilidade do lazer ; sobretudo aos domingos. Os clubes de Várzea mantinham equipes de futebol e promoviam atividades sociais [...] Além destes, tornavam-se comuns os clubes formados a partir de empresas , fabricas ou grupos profissionais. (ANTUNES, 1998, p.92)

Jogar futebol nas duas primeiras décadas do século XX, para os clubes de várzea não mexia apenas com o prazer do individuo, mas também dava-lhe uma sensação de pertencimento cultural, de alívio pela pressão que o próprio trabalho exercia sobre ele e de ascensão social ou inserção social.

Muitas equipes paulistas foram criadas em torno de indústrias, ferrovias, colônias, bairros, clubs e portos por objetivos e interesses distintos, mas possibilitavam o espetáculo, lazer, luxo e prazer movendo muitos apaixonados no final de semana para ver os shows. Essas múltiplas atividades nos finais de semanas na cidade de São Paulo ocorreram constantemente permitindo uma maior sociabilidade, surgindo diversos eventos de cunho cultural, esportivo ou até, festival musical conhecida como matinês, toda essa diversidade incentivou a relação social agregando as inúmeras etnias presentes na sociedade, seja pelo futebol e disputas entre equipes, inglesas, alemã, italiana; ou pelos teatros e festas populares segundo o interesse de cada individuo, família e grupos, pois durante muito tempo, o único modo de reunir multidões foi pelas festas religiosas.

A modernização e o lazer tornam-se a chave principal para miscigenar esses grupos étnicos que faziam de São Paulo um caldeirão multicultural e que se não houvesse inserção social possivelmente explodiria, em contrapartida o

governo estadual junto com os governantes italianos criam acordos diplomáticos a fim de proteger esses imigrantes e a sociedade mantendo o controle social.

## 1.2. INVASÃO ITALIANA: “FARE I’ AMÉRICA”

A imigração na sociedade paulista atingiu três períodos diferentes: o primeiro se passou durante meados do século XIX, motivado pelas indústrias estrangeiras que investiam no Brasil, algo que facilitou a entrada de muitos imigrantes; posteriormente com a Proclamação da República que iniciou uma transição do trabalho escravo ao trabalho assalariado fato fundamental para a intensa propaganda do governo Brasileiro para o velho mundo que prometia fortunas, melhores condições e trabalho tanto industrial, quanto na agricultura como as lavouras de café em São Paulo. Por fim ocorreu outro processo de imigração no final da Primeira Guerra Mundial com a destruição de boa parte das cidades europeias, e como sua reconstrução “levaria tempo”, foi incentivado outro fluxo imigratório para o Brasil, conseqüentemente, para a cidade de São Paulo.

Neste período de transição política do Estado Brasileiro, várias etnias se tornaram importantes para a “ordem e progresso” do país, como: Alemães, poloneses e italianos que se fixaram em grande proporção na região sul para povoamento, mas, os italianos também se fixaram na região sudeste, além deles vieram portugueses, espanhóis e japoneses tardiamente habitando na região sudeste em maior número.

A guerra possibilitou o surgimento de outros ricos e esses buscavam investir fora da Europa elegendo em muitos casos, à cidade de São Paulo como o novo destino para o investimento imobiliário.

São Paulo assim tornou-se extremamente atrativa para possíveis imigrantes que a viam, no Brasil, como um “novo mundo”, sendo assim, ocorreu um crescimento populacional, conseqüência disso é a diversidade étnica que modificou a sociedade paulista, afinal o Estado ganhou traços de metrópole e megalópole, por isso, o governo urbanizou a cidade, através de arquitetos

européus com o intuito de aperfeiçoar a metrópole com os moldes internacionais para deixar os imigrantes mais a vontade. De certa forma, quem era o “imigrante” na cidade de São Paulo? O italiano ou o brasileiro.

De acordo com Ângela Gomes, entre 1876 até 1920 chegaram ao Brasil 3,3 milhões de pessoas sendo que, 1.4 milhões de italianos, vieram de regiões distintas, o que dificultava a comunicação nos centros urbanos, devido aos dialetos que circulavam na sociedade (GOMES *ap.* VIEIRA, 2010).

A propaganda do Governo Brasileiro foi muito efetiva, sendo que o principal motor para aproximar essas massas imigratórias que alimentava o crescimento comercial e financeiro do Brasil, foi a política de imigração, pois com ela havia uma possibilidade de povoamento de diversas áreas improdutivas e inabitadas até então na região sul, isso facilitou a imigração de poloneses, alemães e, sobretudo, os italianos. Porém a região sudeste também atraía esses imigrantes, por conta do trabalho nas lavouras de café em substituição os escravos; Assim, os fazendeiros viram na imigração de europeus uma alternativa barata e viável, era comum o proprietário da fazenda pagar a passagem e garantir hospedagem a esses imigrantes que em troca trabalhavam, formando uma agricultura familiar, até quitar a dívida para então participar do lucro da propriedade. Este sistema era comum entre os imigrantes italianos, poloneses, alemães, portugueses, suecos e belgas.

Como já dito, a política imigratória ocorreu para uma substituição de trabalho escravo pelo industrial ou povoamento de áreas até então improdutivas.

Mas, como eram as propagandas criadas pelo governo? A priori, o Estado utilizava uma política de imigração que era motivada pelos dois propósitos abaixo:

- A Política de passagens subsidiadas,
- E a imigração espontânea.

Por isso, o Estado criou uma estrutura que recebia esses imigrantes e distribuía aos cidadãos para mão de obra nas plantações de café. Durante a última década do Império foi implantado um novo modelo que ficou conhecido como passagens subsidiadas. Essa prática era uma oferta paga pelo Governo para que imigrantes italianos fossem direcionados às fazendas de café, realizando um projeto de colonização em regiões pouco povoadas no Brasil.

Somente a partir de 1880, que várias leis provinciais definiram a política de subsídios às passagens de agricultores imigrantes organizados em família.

Os fazendeiros de café eram fortemente ligados ao poder, fator esse que facilitava na hora de resolver suas questões e interesses como o da imigração, tanto que na década de 90 do século XIX, em São Paulo chegaram 596.004 imigrantes com passagens subsidiadas contra 139.072 que vieram “espontaneamente” (VIEIRA, 2002. p.7). Esse programa ocorreu até 1902.

O Brasil por ser um país que aceitava indivíduos de diversas idades e etnias, acabou sendo muito procurado por esses emigrantes interessados em refazer suas vidas.

A figura a seguir, relembra as propagandas por meio, de panfleto que no século XIX, era comum na tentativa de atrair esses imigrantes, “Partir para América, para Brasil, fazer fortuna”.

**FIGURA 1-  
“PATIRE SÚBITO PER I’ AMÉRICA, PER BRASILE, A FAR FORTUNA”.**



Figura Disponível em: <http://www.projetoimigrante.com.br>. Acesso em: 20 mar. 2013.

Essas passagens subsidiadas eram negociadas pelos fazendeiros e os imigrantes. É interessante ressaltar que a maioria dos componentes da imigração espontânea era composta por operários e artesãos.

A propaganda da política imigratória era o principal fator de incentivo para atrair esses imigrantes, pois inculcava a ideia de que o Brasil era a terra das oportunidades. O governo oferecia as propriedades e as ferramentas para que esses imigrantes pudessem trabalhar, melhorando suas condições de vida.

E permeando por esse contexto, as propagandas que eram feitas por intermédio desses panfletos, mostravam um Brasil cheio de possibilidades, de melhores condições de vida, naturais e bem distribuídas, com a oportunidade de construir uma fortuna, um país que tinha fartura, que caminhavam rumo a um progresso com intuito de alcançar o status de civilização ideal, de pessoas trabalhadoras e prósperas.

No entanto, essa propaganda necessitava de uma política que cuidasse da chegada desses imigrantes, por isso foi criada a Hospedaria do Imigrante, para abrigá-los quando chegassem ao Porto de Santos. A hospedaria adquiriu uma função importante para proteger os imigrantes, que chegavam tanto com passagens pagas pelo governo quanto os espontâneos. Era nessa hospedaria que era feito o encaminhamento do estrangeiro para as fazendas de café ou indústrias como uma “Bolsa de empregos”.

Durante a década de 70 do século XIX, países como: Alemanha, Itália, França, Japão, Bélgica e Estados Unidos da América, tiveram um bom desenvolvimento industrial e, por conta disso, entraram em disputa comercial com a Inglaterra na exploração de matérias primas. Este fator contribuiu para que houvesse aperfeiçoamento no transporte ferroviário e naval, bem como, novas descobertas científicas, novas técnicas de produção, que possibilitaram melhorias nas condições de vida, uma vez que, a partir disso passaram a ser produzidas algumas drogas capazes de combater doenças até então tidas como fatais. Esse “progresso” científico no velho continente, teve contrapartida um intenso crescimento demográfico para o qual a Europa não estava efetivamente preparada.

Por conta disso, a partir de 1815 foram tratados novos traços geográficos, ocorrendo algumas mudanças nas fronteiras que de certa forma, foi raiz de vários conflitos como a primeira grande guerra, envolvendo, sobretudo, o continente

européu, mas todo esse desenvolvimento científico do século XIX fez com que: “[...] nesse período, a população do velho continente saltasse de 180 para 450 milhões de habitantes, provocando a emigração para outros continentes de 40 milhões de pessoas, sendo que 85% destes, para as Américas (PAOLI, 2001, p.15).

Conseqüentemente, esse crescimento populacional no velho continente causou desigualdades sociais, ocorrendo também, um crescimento fundiário e concentração de renda. Portanto, a soma desses fatores, torna possível compreender porque tantas pessoas viviam na miséria, principalmente na península Itálica, tanto que:

[...] uma vida austera onde faltavam recursos para os tratamentos medicinais que eram substituídos por paliativos. Os doentes eram colocados estendidos nos cochos dos estábulos e o porco crescia na casa como se fosse uma pessoa da família. [...] o costume de vender as crianças era bastante difundido, tanto no Sul quanto no Norte da Itália [...] (LAZZARO ap. FERREIRA, 2008, p. 33).

Diante desse contexto complicado que a sociedade italiana passava e, pressão que o próprio Estado italiano sofria, as imigrações seriam de fato um alívio para essa instituição política. Primeiramente, porque, ocorreria uma diminuição populacional, posteriormente, para governo italiano a emigração seria uma solução, assim como para os camponeses, pois era uma maneira, de enfrentar a miséria, mesmo durante anos pós-unificação as atividades socioeconômicas se mantiveram e o desenvolvimento industrial tão questionado pela região sul não era tão desenvolvido.

De acordo com Deliso:

[...] a grande maioria dos italianos nascia, vivia e morria na mesma propriedade [...]. Numa época onde (sic.) a Inglaterra já havia feito a Revolução Industrial e onde (sic.) a França e a Alemanha, em etapas forçadas, a criação de um poderoso complexo industrial, a Itália mostrava-se como un Paese di miserabili analfabeti, cuja renda era um quarto da inglesa e um terço da francesa. Era um país tão pobre,[...], tão desprovido de ferro e carvão, que os franceses se perguntavam com uma ponta de ironia: “Che cosa vuol fare l'Italia?” (DELISO ap. FERREIRA, 2008, p. 34)

Partindo desse pressuposto, o governo necessitava urgentemente de atitudes que moveriam o rumo da sociedade italiana, por isso a industrialização

tardia na península itálica, era uma das variáveis importantíssimas e outra delas, seria a liberação de mão de obra, visto que as indústrias não conseguiam absorver a grande massa desempregada que vivia em miséria, além dessas preocupações o novo governo fiscalizava a segurança, saúde e educação.

Para Derenzi “Os camponeses e trabalhadores não qualificados foram as primeiras vítimas da transformação social, esse fenômeno criou-se uma calamidade social, tanto na Alemanha, quanto na Itália”. (DERENZI, 1974, p.15) a preocupação inicial do Governo era de que pudesse manter a segurança da sociedade, pois com a crise, a possibilidade de que houvesse revoltas populares por conta da miséria e fome era muito considerável. Toda essa situação fez com os proprietários de indústrias junto com a força estatal apoiassem a emigração. Nesse sentido,

A emigração italiana constitui, assim, um fenômeno essencial de equilíbrio socioeconômico. De um lado, por que aliviava a pressão sobre as cidades e a indústria nascente, incapazes de absorver o excedente de mão-de-obra, e, de outro lado, porque, com o dinheiro enviado pelos expatriados aos parentes, afastava-se a possibilidade de uma rebelião social. (FAUSTO, 1999, p. 386)

Cabe lembrar que, a maioria da população italiana no século XIX, habitava na área rural, tanto que atividade na qual se dedicavam trabalho campesino, porém, como quase todas as terras próprias já estavam ocupadas, a alternativa seria migrar para as cidades buscando melhores condições de vida trabalhando nas indústrias.

Outro fator que dificultava a permanência desses cidadãos na Itália é que na maioria dos casos, a industrialização sofria reveses para a sua aceitação, pois no sul italiano os habitantes estavam atrelados a antigas práticas socioeconômicas. Portanto é nesse período de crise econômica na Itália que o governo brasileiro produziu panfletos e propagandas de “*Terre in Brasile per gli Italiani*”, porém era comum o governo italiano utilizar mecanismos para fiscalizar de forma responsável as condições desses imigrantes na América, sobretudo, no Brasil.

Para ocorrer a emigração não era preciso um grande esforço, as Américas e, principalmente o Brasil necessitavam de braços fortes e livres para trabalhar



nas lavouras, de certa forma, a grande miséria no velho continente movia os imaginários dos emigrantes na busca de uma vida de oportunidades. Por esse motivo muitos italianos se deslocaram para o Brasil com o pensamento de “patire, súbito per l’ América, per Brasile, a far fortuna” motivados pela propaganda utilizada pelas empresas de agenciamento ou agenciadores, que reproduziam uma ideia de enriquecimento ou Fare l’ América, que de certo modo influenciava na decisão dessas pessoas, que “compravam” o discurso de intermediários, imigravam como substitutos do trabalho escravo e logo, acreditavam em uma ascensão que os permitisse adquirir fortunas, propriedades e status na sociedade

De acordo com Alvim, o trabalho do agenciador não exigia especialização, pois bastava dizer,

(...) aos camponeses que dentro de alguns meses terão dinheiro aos montes, que num par de anos serão proprietários de latifúndios, que de trabalhadores braçais tornar-se-ão patrões e persuadir meia dúzia dos mais importantes de que o apostolado esta completo [...] E assim, aos gritos de “Viva a América, morram os patrões” levas de imigrantes deixaram a região dirigindo-se ao Brasil. (ALVIM, 1986, p.231).

Propaganda enganosa ou não, esta foi fundamental aos dois países, tanto aos italianos que buscavam estabilidade econômica e social, quanto ao Brasil que buscava uma “civilidade” segundo os conhecimentos científicos do positivismo que desempenhavam a ideologia de progresso a uma sociedade, por meio de emigração dos europeus no Novo Mundo.

Não foram somente as propagandas realizadas pelo governo que atraiu os imigrantes, as cartas também foram trocadas entre os familiares e amigos que impressionaram vários italianos motivando a imigração para o Brasil, “segundo o depoimento de um velho colono de 78 anos, seus avós vieram ao Brasil, atraídos por cartas de parentes, que, depois se verificou, foram deturpadas, possivelmente, por esses agentes recrutadores” (CARVALHO, 1978, p.26).

Com toda a incerteza, sofrimento e desilusão sobre sua pátria fez com que muitos italianos, se lançassem na aventura da imigração vinda para o Brasil, em busca de todas as promessas feitas pela propaganda, sendo presas das

armadilhas bem elaboradas pelos agenciadores, que normalmente eram ilusórias.

Para Carvalho:

A vida paradisíaca que eles- Imigrantes- levavam [...] e afirmavam que havia tanta abundância e que a terra produzia com tanta felicidade, que eles podiam se dar ao luxo de passar horas por dias à sombra de uma árvore, fumando um cachimbo. [...] Essas cartas diziam, ainda que no Brasil cada qual possuía a sua terra, e podia colocar a sua galinha no fogo. (CARVALHO, 1978, p. 27-28).

A vontade de superar os problemas vivenciados na nação italiana influenciava o imaginário do imigrante que antevia na sociedade brasileira uma fuga da miséria, com o sonho de fartura e de encontrar um novo lar que possibilitasse a realização desse sentimento, por isso o surto imigratório na sociedade paulista foi considerável, visto que a propaganda induzia o indivíduo a emigrar, pois se ganhava terras e ferramentas para trabalhar.

A possibilidade de mudar de vida e alcançar sem muito esforço uma riqueza considerável na América predominava a mente desses imigrantes que acreditaram nas propagandas divulgadas pelo Governo Brasileiro, por isso, quando ao subir a bordo deixando seus países para desembarcar no porto de Santos começavam a perceber que nem tudo seria fácil. Primeiramente pela viagem longa e cansativa, sendo que muitos adoeceram no meio do caminho. Ao chegarem, além de ficarem em quarentena para não causar risco de contaminação à população residente no Brasil, outras questões provavelmente lhes invadiam o pensamento, uma vez que, muitos foram enganados não recebendo terras e uma reserva em dinheiro e outra de esperança para voltar a seu país de origem não constavam dos seus planejamentos. Portanto, a partir desse contexto, fica uma indagação que se tentará responder no próximo subtítulo “E adesso que fare?”. Voltar à Itália, ao velho continente e defrontar-se com as dificuldades já conhecidas ou continuar no Brasil e enfrentar esses novos desafios?

### 1.3. “E ADESSO QUE FARE?”: CAFÉ COM POLENTA.

Embora a sociedade brasileira recebesse muitos planos modernizadores para a ordem e progresso da nação, ainda assim a realidade do país passava longe das propagandas dos agenciadores, das propagandas nos panfletos e muito menos, das cartas alteradas que faziam boas referências ao Brasil.

A imigração foi fenômeno importantíssimo para a nação brasileira e para legitimar as idéias republicanas de ordem e progresso, porém diante das promessas do Estado brasileiro e da quantidade de imigrantes que esperavam uma realidade próxima aos dos panfletos, das propagandas que a todo o momento faziam menção a uma terra farta e pronta para ser explorada, mas essa imigração em massa criou uma realidade um pouco diferente dos sonhos, sendo que São Paulo não estava preparado para acomodar tantas pessoas, havia uma falta de estrutura, de problemas em áreas como saúde, educação e também se criou outro problema para o governo tentar solucionar, trata-se da diversidade cultural. A cidade tornou-se um caldeirão multicultural pronta a explodir a qualquer momento e cabe o estado esfriar os ânimos entre os diversos interesses dos grupos: de imigrantes, o povo brasileiro, representando a classe popular ou das minorias e, por fim a elite cafeeira que exercia um poder econômico no período republicano.

Pode se dizer que as imigrações tiveram três reações diferentes: a primeira reação não é novidade visto que a falsa expectativa criada pelos imigrantes quando os anunciaram sobre o Brasil era pura ilusão, sendo assim, enviavam cartas para o cônsul italiano que residia em São Paulo na tentativa de regressar a pátria mãe e mas, apenas alguns conseguiam retornar. O segundo momento foi a tentativa de imigrar para outros países na própria América Latina como: Argentina, Chile, Estados Unidos e Uruguai com o intuito de seguir o plano de “patire, súbito per l’ América”, mantendo o sonho de melhores condições de vida. Por fim, os imigrantes continuaram enfrentando as dificuldades mesmo depois da viagem com as doenças, na quarentena e na relação entre os abusos de poder das autoridades, da população ou dos cafeicultores.

A precariedade de infraestrutura na maioria das cidades de todo território facilitavam a transmissão de doenças para a população mesmo criando mecanismos que possibilitassem uma precaução de doenças trazidas pelos imigrantes como: Febre amarela, varíola e gripe espanhola, encaminhando o imigrante para a quarentena antes do contato com a população, pois temiam as

más condições dos navios fechados que facilitavam a proliferação de enfermidades e diversas mortes durante a viagem, mas não foram apenas imigrantes que transmitiam doenças, sendo que a própria falta de higiene em alta escala das pessoas que causavam epidemias tanto de parasitas, de forma infecciosa ou não infecciosa e até mesmo, viral por conta da falta de tratamento na água outro fator desconhecido na época.

De acordo com Sevcenko, na primeira década de XX, pelo grande fluxo imigratório, a cidade de São Paulo sofreu com a Gripe Espanhola, sendo comparada com a peste negra do período feudal com muitas mortes e covas coletivas. (SEVCENKO, 1992).

Mesmo com toda essa falta de estrutura e epidemias, o Estado se organizou para prevenir essa situação com uma estruturação “sobre o paradigma de higienismo”, além de identificar os agentes causadores dessas doenças transmissíveis reduzindo as infecções.

Por isso, Oswaldo Cruz foi fundamental para luta contra as epidemias pesquisando e criando soluções para evitar muitas enfermidades, fato apoiado pelo Estado não é acaso que o Rio de Janeiro presenciou a propaganda da vacina, mas a atitude da população contra essa “imposição” destaca o clima tenso entre o poder e as classes subalternas que sentiam se excluídos. As modernizações nas cidades permitiram mudanças na arquitetura, infraestrutura e, sobretudo, em novas técnicas de abastecimento de água para separar do esgoto.

Saúde não foi o único problema social vivenciado pela população, porém existem mais alguns problemas que desafiam o Estado como: propriedade (terras), educação e abuso de poder.

A atitude do governo em acabar com os problemas que por muito tempo alimentavam um sentimento conflituoso entre a classe baixa e o estado, visto que, a população indesejada foi enviada para lugares como morros, próximos a rios e distante do centro onde habitava uma classe mais privilegiada, fato que indica a superioridade da elite.

O cronista P. do jornal Estado de São Paulo fez o relato a seguir sobre a tragédia do rio Tietê.

Fui ontem com alguns amigos, ver a enchente do Tietê, sobre a qual corriam pavorosas versões na cidade. Chegando-se até a dizer que a Ponte Grande viera abaixo... Fomos, como toda gente por mera curiosidade. Há quanto tempo não se registrava uma

enchente assim! [...] Eu não me dou por satisfeito. Quero ver ainda umas ruas vizinhas á Ponte Grande e Ponte Pequena, onde habitavam famílias mais pobres e humildes da cidade. Mal dou alguns passos, porém e sou abordado por um italiano que não sei por que me reconheceu. E sem que lhe perguntasse nada, o pobre homem conta-me a sua desgraça: a casa inteira invadida pelas águas, todos os trajes perdidos – até 120 mil-réis que guardara tão bem guardado! Para cúmulo, a mulher ainda esta doente, desde que lhe nasceu o quinto filho e todos estão desabrigados sem saber para onde ir, nem o que comer... – *Che disgrazia, signore! Che disgazia.* (SEVCENKO, 1992, p.30)

O descaso do governo sobre esse fato ampliou a desigualdade social, sendo que a maioria das famílias que conviviam próximo ao rio tiveram prejuízos não recebendo nenhuma ajuda por que ainda existiam famílias ilhadas, sem acolhimento provisório, sem alimentos, roupas, enfim retrata uma desconsideração e discriminação social, por parte do Estado que não criou projeto algum com intuito de prevenir esse evento, não garantindo segurança e condições de recuperarem o que perderam em situações como essas, por isso o desespero dos italianos como relatou o cronista, chamou a atenção da população.

Os imigrantes estrangeiros foram os mais atingidos por eventos desse gênero até por que, eram destinados a áreas produtivas fazendo parte da classe operária ou regiões não habitadas com terras que jamais foram utilizadas, tanto que muitos imigrantes ficaram com objetivo de povoar essas áreas. Por isso, a iniciativa de formar colônias, escolas particulares, sendo assim, criou-se um mecanismo de preservação cultural entre eles permitindo a agregação dessas etnias como forma de resistência a discriminação social e suprimindo a ausência do governo que encontrou dificuldades em cumprir as propagandas feitas na Península Itálica, até por que, ocorreu um inchaço demográfico superando as expectativas dos representantes brasileiros.

Toda essa conjuntura alimentou a fragilidade de um Estado que foi recém criado com objetivo de manter o bem estar social a cada cidadão que em troca, trabalhou para organizar seu país rumo ao progresso, tornando-se participante do futuro da nação, mas em contrapartida, a desigualdade social na cidade de São Paulo criou barreiras no próprio desenvolvimento do governo, sendo que atitudes que promoveram a discriminação social afastavam a diversidade étnica e os grupos afetando a relação social, de acordo com Sevcenko:

São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem européia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente de fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical. (SEVCENKO, 1992, p.31)

A Capital paulista durante o século XX vivenciou um momento distinto por que de certa forma, a diversidade cultural fez de São Paulo um centro cosmopolita fato que criou algumas problemáticas tanto para imigrantes que buscaram manter seus laços culturais como também os nativos que participam de uma miscigenação, mas as escolas e suas relações interpessoais dificultavam o dialogo ou relacionamento entre essa população. Na área da educação a precariedade para com a população, era pela falta de professores capacitados, além dos que vinham de outros países e não podiam exercer a profissão. Outra realidade era a falta de escolas em áreas rurais, o que de certo modo, dificultava a educação de escravos, nativos e imigrantes, ou seja, os imigrantes esbarravam na precariedade em diversos setores governamental.

A escolarização nesse período foi um poço de questões mal resolvidas, tanto que os italianos residentes no Brasil, na maioria dos casos conflitavam com a situação socioeconômica na sociedade paulistana, além da dificuldade com o idioma, visto que as turmas eram multisseriadas com diferenças étnicas, sociais, de idade e na maior parte o material didático dificultava o ensino para filhos de imigrantes. Afinal, por todo território, as colônias de imigrantes ou população que vivia na área rural, enfrentavam dificuldades para educar as crianças, pois havia poucas escolas para esses indivíduos.

Eliane Mimesse escreve que o grande número de estrangeiros chegados à cidade de São Paulo no final do século XIX e início do século XX, tiveram que se organizar de modo próprio para preencher a ausência do Governo Estadual. Por isso, a hipótese de que existiam inúmeros colégios italianos criados pelos imigrantes, visto que a educação brasileira era precária e desse modo, a criação dessas escolas, tornava-se importante pelo fato de associarem a cultura com a convivência dos colonos na sociedade, porém, havia outras dificuldades, como a

precariedade da saúde, da inserção social, e por isso se preocupavam em fundar clubes e comunidades, para a inserção dessas pessoas. (MIMESSE, 2013)

As precariedades das escolas públicas no Estado de São Paulo davam origem ao crescimento das escolas privadas, porém, criavam questionamentos sobre a nacionalização do sistema educacional.

De acordo com Mimesse, “As condições das escolas isoladas italianas eram duvidosas [...] Pode-se listar problemas no seu desenvolvimento, quanto ao espaço físico, aos materiais didáticos, a formação dos professores e diversidades de métodos de ensino aplicado”. (MIMESSE, 2013, p.183)

Com ajuda do consulado italiano algumas colônias que enviavam cartas aos representantes políticos contando a situação, acabaram recebendo livros a partir de contos que dividiam as páginas em duas línguas, composta pelo português e pelo italiano, por que era normal encontrar na escola pública crianças de família brasileira e filhos de imigrantes no intuito de ajudar a didática do professor.

Como o Governo brasileiro encontrava muitas dificuldades para cumprir toda sua promessa aos estrangeiros e normalmente era considerado por eles como ausente. A iniciativa desses imigrantes foi criar clubes, colônias e comunidades imaginadas como cita Stuart Hall (1998) com objetivo de suprir a lacuna criada pelo estado como no *déficit* com a Educação, precariedade e frieza na saúde, e por fim, a inserção social que vai tornar-se realidade a partir dos clubs, esportes, lazer, teatro, festas, matinês, carnaval, corridas no jôquei, passeio nos parques que receberiam ar “civilizado”.

A ideia de criar a Sociéta Sportiva Palestra Itália para que representasse a nação italiana em São Paulo não movia apenas o sentimento de pertencimento cultural a pátria mãe, mas também uma válvula de escape para manter seus laços culturais, criar as crianças com uma educação italiana, competir em algumas modalidades contra aqueles que rotulavam e agiam com superioridade com esse imigrante que ainda tentavam uma inserção social de forma, mais saudável.

A educação pública era uma forma de o Estado promover a miscigenação que sempre esteve atrelado com o plano de branqueamento da população civilizando rumo ao progresso, por isso São Paulo presenciava dois extremos. A primeira iniciativa é a do estado em nacionalizar o ensino até porque, a educação passa a ser um direito ao cidadão e ter um “padrão” nacional. E a outra foi a

tentativa do imigrante em criar entidades esportivas e escolas privadas para suprir o descaso do Estado para proteger a cultura e fortalecer o sentimento de pertencimento.

A nacionalização da educação promoveu a cultura, mantendo os laços culturais, fortaleceu a nação e construiu uma comunidade imaginada, por meio de narrativas, heróis ou contos formando a identidade cultural do indivíduo.

Por isso, quando o clube Palestra Itália foi criado iniciou-se várias atividades com os jovens, os italianos e filhos desses imigrantes no teatro, danças, escolas para as crianças, futebol e festas para reunir a “famiglia”, sendo que muitas delas foram convidadas jornalistas, prefeitos, autoridades regionais e equipes adversárias como o tradicional clube Paulistano algo que confirma a iniciativa de inserção social.

De acordo com uma publicação comemorativa da Società Editrice Italiana citado por José Renato de Campos Araújo, Imigração e Futebol:

Tra le società italiane di S. Paolo la Palestra Italia occupa indubbiamente un posto importantissimo, sia per l'attiva propaganda che ha sempre spiegata, sia per il gran numero di soci e sia, soprattutto, perchè aduna intorno alla sua bandiera un folto gruppo di giovani, figli di nostri connazionali e brasiliani di origine, i quali sono a loro volta buoni propagandisti di questa associazione, che onora il nome italiano all'estero. (SOCIETÀ EDITRICE ITALIANA *ap.* CAMPOS, 1996, p. 36).<sup>10</sup>

Com base nesse pressuposto, a necessidade de alcançar o sucesso dessa comunidade, tanto pelo caráter cultural, quanto esportivo alcançou a nação italiana no Brasil e teve apoio do consulado italiano, pois a criação dessa entidade possibilitou a manifestação cultural, linguística e política, até por que o Estado Italiano estava presente num contexto pós- unificação, além de criar laços com as colônias no estado de São Paulo que viam a formação do clube com objetivo de renascer o sentimento patriótico.

Portanto a gênese desse clube trata-se apenas de uma união de vários indivíduos da mesma etnia, fato que formou um grupo étnico, reuniu diversas

---

<sup>10</sup> Tradução livre do autor: "Entre as sociedades italianas de s. Paulo a Palestra Itália ocupa sem dúvida um lugar importantíssimo, seja pela ativa propaganda que sempre desenvolveu, seja pelo grande número de sócios e seja, sobretudo, porque coaduna ao redor a sua bandeira um grande número de jovens, filhos de nossos patrícios e brasileiros de origem, os quais são por sua vez bons propagandistas dessa associação, que honra o nome italiano no exterior"



identidades que tinham em comum a nacionalidade, mesmo que vivessem em regiões diferentes, e não tivesse padrão lingüístico, os interesses pessoais poderiam ser distintos, mas a cultura tornou-se semelhante quando uniram esse grupo étnico, formando uma “sociedade imaginada” que partilhou os mesmos objetivos como: manutenção dos laços culturais independente dos dialetos, porém a criação da comunidade imaginada unificou o sentimento patriótico nas reuniões, festas, partidas de futebol, teatro, musica e dança. Mas de toda maneira formaram uma comunidade para representar os imigrantes italianos fortalecendo a cultura, promovendo a inserção social, rompendo os rótulos criados entre os nativos, por causa da situação da Itália antes da unificação e acima de tudo, buscavam melhores condições de vida intenção que era a mesma dos indesejados.

## 2. O FUTEBOL É UM LAZER, STATUS OU MOVIMENTO CULTURAL?

### 2.1. UMA BREVE HISTÓRIA DO FUTEBOL.

Na práxis, o futebol nem sempre foi tratado apenas como lazer para a população, mas adquiriu distintas características tanto políticas, distinguindo as classes sociais ou evitando guerras, utilizando o esporte como decisão “diplomática”, quanto de cunho sócio-cultural permitindo inserção social de determinados grupos e também a preservação cultural da sociedade.

Porém, a prática desse esporte na antiguidade encontrava outras denominações e de certa forma, a maneira de jogar variava de acordo com os costumes da sociedade, seguido pela cultura e interesses individuais, ou seja, esse esporte existe desde tempos antigos, porém com distintas nomenclaturas e características, como: o *Kemari*<sup>11</sup> pelos chineses, na Grécia antiga era chamado de *Epyskiros*<sup>12</sup>, para os Romanos *Harpastum*<sup>13</sup>, os Franceses jogavam *soule*<sup>14</sup>, e italianos nomeavam como *Calcio*<sup>15</sup>, mas foi na Inglaterra em 1860, que surgiram as primeiras regulamentações sobre esse esporte, visto que sem essas normas o esporte era muito violento e de certa forma, foram criadas regras específicas que

<sup>11</sup> O Kemari foi criado pelo chinês Yang-Tsé, 2.600 anos antes da era cristã e depois chegou ao Japão, por integrantes da corte do imperador japonês que jogavam em um campo quadrado, de 14 metros, duas estacas fincadas e ligadas por um grosso fio de seda, bola de couro cheio de cabelos e crinas, sendo praticado por 8 jogadores a cada lado, no esforço de ultrapassar as estacas fincadas sem deixá-las tocar no chão. Portanto na parte relativa aos pés, na pura “embaixada”, como se batizou no Brasil. Noutra revelação, 200 A.C., falavam livros chineses no tsu-chu, uma distração só com o pé na bola. Nada de mãos. (CABRAL, 1978)

<sup>12</sup> Epyskiros surgiu na Grécia, aproximadamente no século I. Na cidade grega, Esparta, os jogadores na maioria militares jogavam em um campo retangular, com a bola feita de bexiga de boi cheia de areia ou terra, contendo 9 atletas para cada equipe. (SILVA, 2011)

<sup>13</sup> Quando os romanos invadiram e conquistaram os gregos, tiveram contato com a cultura grega, sendo assim, acabaram assimilando a pratica desse esporte, mas ficou conhecido como Harpastum adquirindo uma pratica mais violenta entre os romanos. (SILVA, 2011)

<sup>14</sup> Segundo os relatos históricos, o Soule surgiu durante a idade média, próximo a região da França, porém suas regras variavam de região para região, inicialmente foi praticado pela elite aristocrática, mas por ser um esporte barulhento e violento, o Rei Henrique II, criou um decreto proibindo a pratica do Soule, cabendo até prisão aos que não acatassem. (SILVA, 2011)

<sup>15</sup> Calcio foi uma transformação do harpastum. os florentinos tornaram o jogo romano uma parte das festividades de carnaval sendo jogado uma vez por ano entre equipes que alimentavam a rivalidade durante o ano inteiro. Este jogo também era muito violento sendo permitido tudo para chegar com a bola a meta adversária. Cada vez que se levasse a bola à rede posta na linha de defesa de cada time se marcava um ponto, e, cada bola sobre a rede marcava-se meio ponto. O jogo ainda apresentava em seu formato um elevado comportamento tático, com times bem definidos por vestimentas diferenciadas em campo. Cada equipe era composta por 27 jogadores e as dimensões do campo já apresentavam tamanho retangular parecido com os campos modernos. (SILVA, 2011)

padronizaram o futebol e são reconhecidas mundialmente, dentre estas se encontra a prática do esporte somente com os pés, sendo que apenas o goleiro pode usar as mãos para defender o gol.

Não há aqui a intenção em debruçar-se sobre a evolução do futebol partindo das sociedades antigas até o mundo contemporâneo, pois se tornaria muito extenso, assim, o objetivo desse trabalho é enfatizar a importância do futebol sobre as três visões seguintes:

- De uma prática elitista à popularização do futebol;
- A transição do amadorismo das ligas esportivas ao profissionalismo;
- E uma breve explicação sobre a nacionalização do esporte.

Tratar do surgimento do futebol na sociedade brasileira torna-se por consequência evidenciar a contribuição da cidade de São Paulo na formação dos primeiros clubes no Brasil e também de personagens como: Charles Miller, Hans Nobiling e Oscar Cox, além da disseminação dessa modalidade no estado de São Paulo que possibilitou a divulgação do esporte para outras regiões por meio das ferrovias e portos.

Constatar que o Brasil é o país do futebol, mesmo na atualidade, trata-se de um equívoco pelo fato do surgimento dessa modalidade nas ruas brasileiras ser trazida por filhos da elite que tiveram contato com as culturas européias.

A partir de 1880, o futebol apareceu pela primeira vez na sociedade brasileira, sendo que o seu principal genitor foi Charles Miller, que havia ido para a Inglaterra estudar e quando voltou ao Brasil introduziu esse esporte para elite<sup>16</sup>.

Embora tenham tido participação decisiva na consolidação em terras brasileiras, eles (Charles Miller e Oscar Cox) atuavam dentro de um contexto mais amplo, que permitiu que um simples passatempo se transformasse em um verdadeiro fenômeno. (PERREIRA ap. STREAPCO e RÚBIO, 2009, p.3).

---

<sup>16</sup> A elite futebolística em São Paulo era constituída pelos filhos da elite cafeeira ou com industrialização que foram estudar na Europa e tiveram contato com a cultura européia e que obtinham um lugar de prestígio na sociedade praticando essa modalidade em universidades. (STREAPCO e RÚBIO, 2009)

A primeira partida no território brasileiro ocorreu na cidade de São Paulo entre a equipe de Charles Miller conhecido como *team* São Paulo Athletic Railway que contava com funcionários das indústrias Railway e jovens do Banco de Londres contra o *team* de Gás. Fato que se tornou histórico por promover a divulgação do futebol elitista e não demorou muito para surgirem *clubs* no Brasil, criando torneios que movimentaram grupos intelectuais, jovens de boa família e moças.

A influência dos ingleses na formação dos clubes tanto em São Paulo, quanto no Rio de Janeiro, foi fundamental para a consolidação do esporte no país partindo pela elitização pois os “*foot- balles*” eram membros de uma elite pomposa e aristocrática. (JACOBINA, 2011, p.25)

O futebol nesse período foi incorporado por grupos com objetivo de manter o “status social”, porque era uma modalidade trazida por estudantes brasileiros que viveram no continente europeu mantendo características inglesas para distanciar das classes subalternas<sup>17</sup>, sendo elas: a denominação do esporte e palavras associadas à prática em inglês (*football, matches, foot-balles e clubs*), normalmente praticavam esse esporte, acadêmicos, estudantes de medicina, de escola politécnica ou que fosse de outra formação no exterior. As partidas eram realizadas em *Clubs* elitistas que restringiam a participação de indivíduos que não tivessem associados aos seus interesses, assim como a questão financeira que dificultava o acesso do esporte pela classe baixa, primeiro porque o futebol não poderia ser praticado em qualquer lugar e para o local ser regulamentado, era necessário encaminhar petições ao Estado e por fim, manter uma equipe de futebol implicaria em ter os equipamentos como: chuteiras, bolas e uniforme, isso tornou um obstáculo para a massa, porém a criatividade da população e a facilidade na assimilação dessa modalidade permitiam improvisos com intuito de praticá-lo, nas ruas, nos bairros ou parques.

Toda essa característica elitista fortaleceu os torneios de futebol, além de promover a criação de várias equipes competitivas em diversas regiões do território brasileiro. Em São Paulo, surgiram duas equipes, sendo o *Club* Germânia e *Club*

---

<sup>17</sup> O termo classe subalterna trata-se de grupos de indivíduos que estão subordinados a outros grupos, mas o conceito de “subalternidade” têm sido utilizados, contemporaneamente, na análise de fenômenos sociopolíticos e culturais, normalmente para descrever as condições de vida de grupos e camadas de classe em situações de exploração ou destituídos dos meios suficientes para uma vida digna. (SIMIONATTO, 2009)

Athletico Paulistano<sup>18</sup>, equipes como Fluminense e do Bangu Athletic Club, no Rio de Janeiro, do Rio Grande do Sul surgiu o Fuss-Ball-Club e Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, por fim, o Sport Club de Belo Horizonte (STEAPCO e RÚBIO, 2009, p.3).

O crescimento dessa modalidade no Brasil atingiu uma difusão rápida entre a elite com seus torneios, clubes e a massa popular que jogavam nos bairros, visto que em São Paulo existiam dois torneios que atraíram as equipes. O primeiro acolhia a elite futebolística do futebol paulista conhecido como Associação Paulista de Sports Athleticos (APSA) compostos pelos seguintes *teams*: Club Athletico Paulistano, Associação Athletica São Bento, o Club Athletico Ypiranga, Associação Athletica Mackenzie, Wanderers Foot-Ball Club e Associação Atlética Palmeiras. Existia outra Liga conhecida como Liga Paulista de Football na maioria dos casos as equipes que disputavam esse torneio foram montadas por empresas, bairros ou de outros grupos normalmente italianos.

Esses dois torneios expressavam ideologias distintas sobre práxis do futebol. A primeira entidade zelava o objetivo da classe elitizada, fortalecendo o distanciamento das classes tornando-se contra a popularização do esporte, porque:

Mesmo os que conseguiam pagar o preço da geral, sentiam-se intrusos no espetáculo: os craques, ao saldarem a torcida, nunca se dirigiam a eles, mas á seleta assistência da arquibancada, bouquet de moças e rapazes de boa família. Era o tempo em que os intelectuais ainda gostavam de futebol e comparavam, em artigos derramados e versos eloqüentes, os jogadores a deuses gregos, os estádios ao Olimpo. (SANTOS, 1981, p.15)

A elite paulista foi o principal precursor do futebol no território brasileiro movido pela prática de um futebol ofensivo e com diversas técnicas por isso, a cada partida do *Club Athletico Paulistano*, reuniam pessoas que admiravam o *football*, fato que logo promoveu o status da equipe possibilitando um *tour internacional* na primeira década do século XX, contra equipes italianas que praticavam o esporte em alto nível.

Esse esporte aumentou o número de adeptos em função de diversos investimentos tais como: a criação de espaços para a sua prática como a reforma do velódromo de São Paulo, criação de parques e terrenos baldios próximos às

---

<sup>18</sup> Club Atlético Paulistano foi uma equipe tradicional em São Paulo, que preservou o amadorismo e combatia o profissionalismo ou ruptura do esporte para as massas, de certo modo, acaba se desligando dessa modalidade na década de 30 do século XX. (ARAÚJO, 1996)

fábricas destinadas ao esporte, fatos esses que descrevem como o futebol tornou-se uma “febre nacional” rumo à popularização nos bairros, além da introdução em outras regiões pelas ferrovias.

De acordo com Mascarenhas (2000), nunca houve tanto entusiasmo nos bairros com outros eventos que não fossem religiosos pois:

Desde os primeiros anos deste século, uma febre invadiu todas as ruas, quintais, portas de fábrica, terrenos baldios, e o que mais houvesse. Era o futebol. Esta foi a primeira grande festa do povo, fora da perspectiva da Igreja. (...) A sociabilidade de bairro foi enormemente enriquecida com o futebol. (SEABRA *ap.* MASCARENHAS, 2000, p.14).

Outro fator fundamental para expansão do futebol aos bairros foi à própria industrialização que possibilitou uma difusão da prática ao interior paulista, a região sul do país e expandindo ao sudeste.

Antes de entrar no futebol de “várzea” ou atribuição da popularização do esporte, torna-se necessário adentrar na relação que havia entre a industrialização, aliás, criada também na própria Inglaterra, e o futebol que mais tarde, seria a “religião leiga da classe operária” (HOBBSAWM, 1991) ou, se transformaria em ópio do povo brasileiro. Mas, por que muitas indústrias apoiariam um esporte que foi proibido na Inglaterra sob acusações de violência? A industrialização no Brasil tornou-se importante para difusão do esporte, para a popularização e o futebol tinha uma similaridade com as características industriais que “disciplinavam” os atletas na prática do esporte, assim como ocorreu com os operários nas indústrias.

A semelhança entre futebol e indústria se deu pela ligação entre o treinador e o patrão, a divisão do trabalho em setores e o esporte coletivo que dividia os jogadores em setores, por isso a prática desse esporte permitia um desenvolvimento de características importantes para os indivíduos, além da relação social ou a sociabilidade dos operários, dos bairros, tudo isso foi de suma importância para o *taylorismo* e para o futebol. Por isso o termo pedagogia fabril ficou relacionado a tentativa de educar esses operários com os interesses do patrão de tempo e lucro, ideia que permeava a mente do operário para que não houvesse erros na linha de produção, fato que requeria a especialização do trabalhador na função que desempenhava na indústria.

Para Mascarenhas (2000) o futebol adquiriu algumas características que o transformou em um esporte moderno e aproximou do momento fabril da revolução industrial na Inglaterra, sendo elas: o trabalho em equipe, a coletividade, especialização individual em determinado setor, a velocidade, cronometragem e obedecer à hierarquia.

A indústria nesse período adquiriu um papel disciplinador e de valorização ao tempo, ou seja, “tempo é dinheiro”. Essa pedagogia também permeava o estilo de jogo do futebol, sendo que o atleta deveria obedecer às orientações do treinador, mantendo a consciência tática com intuito de fortalecer o setor que ficou designado a atuar, além de preservar o trabalho em conjunto, pois o jogo contava com 11 jogadores em cada equipe e uma falha poderia atrapalhar a outra no decorrer da partida, enfim, toda essa preocupação do atleta em adotar a postura do clube para garantir o seu trabalho tinha sua semelhança com a indústria, o taylorismo, “pedagogia fabril” e analisando a história do futebol em São Paulo, existia um apoio da indústria gerenciando equipes, torneios, promovendo a sociabilidade dessa atividade nos bairros pela popularização do futebol.

O futebol não foi só um modo de ascensão social pela população mais carente e não serviu apenas para um fortalecimento dos bairros sociabilizando-os, mas quando disseminado a essas classes, possibilitou um bloqueio das ideias revolucionárias e fortalecendo o nacionalismo ou regime totalitários, sendo que a prática desse esporte drenava a indisciplina e quando fixada a camada popular representava um processo de lutas simbólicas envolvendo grupos sociais, étnicos e nacionais.

Segundo Certeau (2001), os usuários captam uma atividade e recriam de acordo com as técnicas de produção sociocultural atribuindo outras práticas, de certo modo existe uma readequação com os interesses regionais. Por isso, a difusão do esporte aos bairros tornou-se um processo de *readequação* do futebol com intuito de abraçar, sendo pelos dribles e técnicas que relembram a ginga da capoeira, mas essa ação foi também um modo de rejeitar a cultura ocidental e de regionalizar o esporte, incorporando aspectos culturais presentes na classe popular e transmitindo no futebol recriando uma identificação entre a população, a cultura popular com a modalidade. Fato que fez do futebol um mecanismo importante para

captar a cultura popular, drenando os costumes e, transmitindo no esporte na iniciativa de recriar uma identidade brasileira.

A influência da cultura europeia na sociedade brasileira ocorreu há séculos e com o futebol não foi diferente, com os horrores da guerra mundial iniciou-se um rompimento com o modelo cultural europeu. Quando o futebol atingiu a massa e tornou-se uma febre popular acabou confrontando a ideia de status do esporte criada pela elite, iniciando no Brasil um novo período na história dessa modalidade, reconhecida por “senhores do poder público” como um símbolo de modernização, contribuindo com a formação de um nacionalismo.

As sociabilidades dos bairros se fortaleceram, a partir dessas atividades incentivadas tanto pelas indústrias, quanto pelo Estado promovendo o lazer da população diminuindo as ideias revolucionárias da classe operária ou na formação de uma identidade cultural e pertencimento aos quesitos étnicos.

Segundo Fátima Antunes (1998), as estradas de ferros, os bairros operários cujas fábricas apoiavam práticas que levavam o lazer da população impulsionou o crescimento dessa modalidade, esse fato possibilitou a criação de diversas equipes de várzea como o Sport Club Corinthians Paulista em 1910 e a Sociedade Esportiva Palestra Itália no ano de 1914, ambos foram criados por grupos de operários que participavam de torneios de bairros e posteriormente conseguiriam o acesso para disputar o principal torneio de futebol regional.

Com o decorrer do tempo, o futebol sofreu mudanças, pois devido sua disseminação nos bairros paulistanos do Brás, Belém, Bom Retiro, Penha, Canindé, Ponte Grande, Santana e Ipiranga as *matches* deixaram de ser praticadas por status em estádios transformados como o velódromo e se alastraram aos terrenos baldios, praças, clubes, escolas e ruas, ou seja era um esporte de fácil assimilação e movia grandes massas aos estádios, além das práticas em espaços públicos. Esse fato motivou a cobrança de *tickets* nos estádios e em torneios amadores reunindo um capital sobre as partidas criando controvérsias, debates e, fato que iniciou uma transição do amadorismo defendido pela elite para um profissionalismo, que inseria as minorias possibilitando uma inserção social, salários e prêmios de compensação aos atletas.

O crescimento do público nas partidas geravam lucros às equipes e a qualidade técnica desempenhada pelos atletas das equipes de várzea que



apresentavam um futebol bonito, habilidoso, com dribles que incorporavam a cultura brasileira como as danças, malandragem, agilidade, técnica e até movimentos de capoeira (RODRIGUES FILHO, 2003). Essas características justificavam as contratações desses jogadores para aumentar a competitividade da Associação Paulista de Sports Athléticos (APSA) e por debaixo da mesa remunerar os atletas pelas vitórias ou títulos. Este procedimento contrariava o regulamento do torneio e quando era descoberto havia punições às equipes, por exemplo o caso do Wanderers Foot-Ball Club que remunerava os atletas do Corinthians que estavam proibidos de jogar o torneio e no momento que os representantes do torneio descobriram, a agremiação foi expulsa da APSA em 1916, substituída pela Sociedade Esportiva Palestra Itália.

O Futebol se transformou em uma importante fonte de lucros, principal ponto que incomodava a equipe do Paulistano, além da aceitação de negros, mulatos, pobres ou que não tinham uma “educação delicada e fina” fato que incentivou uma posição drástica do *Club Athlético Paulistano* se desligando do futebol paulista, assim como vários estudantes ingleses que passaram a dedicar ao esporte individualista para não ter que conviver com a “classe baixa”.

A integração das equipes de várzea com *teams* elitistas não foram nada amigáveis e culminou no fim de certas equipes por não suportarem as inovações do esporte, mas a massa continuava a crescer em torno do futebol possibilitando um rompimento com a influência européia, criando laços nacionais e profissionalizando o esporte criando discussões emblemáticas como o negro no futebol e por fim uma entidade que regulamentasse a popularização, profissionalização, mercado do futebol, pois as receitas aumentavam de acordo com a venda dos *tickets*, e de produtos dos times e principalmente a contratação de atletas qualificados.

Em 1923, o Estado reelaborou uma lei que proibia a prática do futebol em lugares que não eram adequados, pois afetava o futebol que era tratado como embrião elitista e não poderia ser praticado pela população, mas de certa forma essa prática acontecia independente da posição estatal, fato que enfraqueceu mais a ideia elitista de manter o amadorismo e adiante, ocorre a formação da Liga Paulista de Futebol e da Confederação Brasileira de Desportos.

Para Damatta (2006) o futebol adquire aspectos tribais, além de ter influenciado para formação de uma identidade nacional, ensinando em certo

momento uma democracia e igualdade. Aquele esporte de bairros na várzea do Carmo se alastrou e “convocou” atletas renomados como Leônidas da Silva, conhecido como o “Diamante negro” e Domingos da Guia contrariando a ideia de que os negros não jogam futebol, além da iniciativa do Vasco da Gama em escalar um time com negros no torneio regional. Aos poucos o *football* foi ganhando o “jeitinho brasileiro”, ganhando sua própria cara, se abasileirando e fortalecendo seu futebol alegre, habilidoso e quando comparado ao futebol europeu como *superior na arte da bola*.

A profissionalização foi um movimento gradativo que se espalhava entre atletas na tentativa de melhorar suas condições de trabalho, seus direitos e o fim da discriminação, pois o futebol por mais prazeroso que fosse considerado na década de XX, pelas elites e para as massas, ainda assim os negros encontravam dificuldades de ascensão em torneios principais e quando ocorriam exceções, eram camufladas para não escandalizar a elite que praticava a modalidade, dando origem então a história de pó de arroz nos negros que eram discriminados nos jogos do Fluminense e São Paulo.

Somente na década de 1930, na era Vargas é que o futebol conseguiu sua profissionalização, coincidência ou não, foi num período cujo nacionalismo brasileiro estava em ascensão e ao mesmo tempo em que a copa do mundo de futebol atraiu outros países como a Itália de Mussolini, Alemanha de Hitler e o Uruguai primeiro campeão do mundo.

De acordo com Franzini:

[...] O manifesto dos jogadores paulistas quando o êxodo de craques para o exterior revela que os atletas percebiam muito bem, e não aceitavam mais, a situação contraditória que viviam no início da década de 30. Mesmo que fizessem do futebol sua única profissão, o que era cada vez mais comum, eles não dispunham de qualquer garantia formal que lhes permitisse exercer trabalho com segurança e tranquilidade. A insatisfação, no entanto, não era demonstrada só por aqueles que entravam em campo. Muitos dirigentes cariocas e paulistas, bem como boa parte da imprensa esportiva, também estavam descontentes com as incertezas do semi-profissionalismo, ou, na expressão da época, “amadorismo marrom”. Para essas grupos somente a profissionalização poderia assegurar a força dos clubes e o vigor do espetáculo, à medida que criaria um vínculo mais efetivo e consistente entre jogadores e equipes (...). Para os jogadores, na verdade, a profissionalização não consistia em mera questão de preferência. O futebol permitia a sobrevivência imediata e, quem sabe, a realização do sonho da ascensão socioeconômica para muitos daqueles que não encontravam oportunidade pelo trabalho. (FRANZINI, 2000, p.42)

O “amadorismo marrom”<sup>19</sup> chegou ao final apenas em 1938, com a ótima campanha da seleção brasileira, mesmo com a terceira colocação na competição, fato que não denegriu a imagem dos atletas diante da nação que torcia pela equipe brasileira. Para Getúlio Vargas e a grande massa popular a derrota contra a Itália não foi por falta de técnicas, dribles e um belo futebol, mas o principal culpado foi o árbitro que beneficiou a Squadra Azzurra, fato que criou rumores de facilitação ao regime fascista de Mussolini e fortaleceu a profissionalização do esporte brasileiro por parte do Estado Novo, uma vez que os atletas voltaram da copa com status de heróis da nação.

O futebol virou “febre nacional”, afinal uniu grupos de interesses distintos, grupos étnicos, o lazer para as classes subalternas que não tinham oportunidades de trabalho devido a etnia, a inserção social dos negros, mestiços e operários, mas independente dos interesses o futebol foi além de uma tentativa de distanciar ou distinguir as classes, teve uma contribuição na nacionalização do país, fator bem explorado por Getúlio Vargas, principalmente com o terceiro lugar na Copa do Mundo em 1938, perdendo injustamente para Itália e unindo os brasileiros em torno de seus heróis (Domingos da Guia e Leônidas da Silva), naquela época a população torceu muito pela seleção, afinal o esporte conseguiu sua profissionalização e possibilitou a inclusão dos negros, fato que trouxe uma admiração aos europeus, além de reunir toda a população nos dias dos jogos para torcer pelo sucesso do futebol do país.

Essa sociabilidade interessou a Getúlio Vargas, pois trava-se de um esporte que foi rapidamente incorporado pelo povo, pois com isso, ele se aproximaria mais do povo, tornaria-se mais popular, surgindo a iniciativa de nacionalizar o esporte, por meio de uma lei que protegesse esse esporte contra os estrangeirismo e recriá-lo com a cara brasileira, permitindo a incorporação de aspectos culturais na sua prática que tanto encantou os europeus em 1938. Culminando assim, na criação do decreto de Lei nº 3199 de 1941, protegendo a equipes nacionais reivindicando que as entidades com nomes estrangeiros, principalmente que fizessem ligação aos países da grande guerra modificassem o nome e a política da instituição, além de regulamentar melhores condições aos atletas, clubes e torcidas incluindo diversos investimentos no futebol.

---

<sup>19</sup> Amadorismo Marrom é um falso amadorismo, no qual se remuneram desportistas supostamente amadores de forma oculta e disfarçada. (SALUN, 2007)

Para Manuel José Gomes Tubino:

O nacionalismo populista recebeu conformações variadas nos diversos períodos históricos, apenas ganhando presenças mais fortes com a liderança de Getúlio Vargas, Juscelino Kubistcheck e João Goulart [...]. Entende-se de nacionalismo populista como uma tentativa de direção cultural dos novos grupos no poder. Isto é, como conjunto de valores, simbólicos, conteúdos morais, etc, que visam tornar ideologicamente consensual os interesses de grupos dirigente agindo sobre os demais grupos de aliança e a massa popular. (TUBINO, 1996, p.26)

A iniciativa de nacionalizar o país foi uma tentativa de criar uma identidade própria, unificar um padrão cultural no território, que os definisse como pertencentes à nação e para isso, necessitava-se compreender a cultura popular, analisar os rituais simbólicos, os costumes da população e no governo Getulista, o Brasil buscou criar um nacionalismo, laços culturais que conectassem a população, criando um padrão universal, como na educação, na criação de mecanismos para melhorar o sistema de saúde, nacionalizar e investir na industrialização, garantindo direitos aos trabalhadores. Porém, o principal foco era nacionalizar o futebol, porque além de inserir os indivíduos e fazer parte de uma modernização, também foi um fator fundamental para criar pertencimento à cultura nacional.

Porém essa nacionalização do esporte afetou e modificou a história de muitas equipes de futebol e instituições, o caso mais conhecido ocorreu em 1942, com a troca de nome de Societá Sportiva Palestra Itália para Sociedade Esportiva Palmeiras fato que pressionou uma mudança de nome e política desses clubes, deixando de manter a etnia e costumes ligados aos italianos. Assim, o antigo Palestra Itália modificou a nomenclatura do time para Sociedade Esportiva Palmeiras e pela primeira vez entrou no campo com a bandeira do Brasil contrapondo as críticas e acusações sobre antinacionalismo criado por Vargas, posteriormente o clube de Minas Gerais, também enfrentou pressões do governo por ser conhecido na época como Palestra Itália nessa época e por isso, modificou o nome para Cruzeiro Esporte Clube.

Portanto, o futebol tornou-se importante para a modernização do país, possibilitou inserção social lutando contra as discriminações, fortaleceu os laços culturais unindo os bairros, uniu grupos, fortaleceu o nacionalismo do país rompendo com a influência europeia, deixou de ser status e transformou em lazer para os operários, imigrantes e ampliaram as fronteiras regionais motivando um

sentimento patriótico da população que apoiou a seleção e as equipes independentes dos interesses estatais ou de grupos elitistas, o futebol foi fundamental para a criação de uma nação que anteriormente era tão dispersa, por conta da própria diversidade cultural.

## 2.2. “FORZA DA SQUADRA AZZURRA”.

Para falar sobre a Squadra Azzurra e o bicampeonato mundial é necessário abordar a importância da história do futebol nacional ou de seleções que foram organizadas tardiamente no velho continente, pela formação da FIFA, principal instituição para a organização de torneios internacionais que passou a existir no dia 21 de maio de 1904, sem a presença dos ingleses, mas com o apoio de sete países, sendo eles: Holanda, França, Suécia, Suíça, Bélgica, Dinamarca e Espanha com objetivo de criar e organizar um campeonato mundial em curto prazo. Passados um ano da criação mais cinco países ingressam na FIFA, entre elas a Alemanha, Itália, Áustria, Hungria e a Inglaterra.

Inicialmente, o diálogo sobre o Football se tratava da iniciativa de profissionalizar o esporte, além de repensar a questão do futebol como modalidade das olimpíadas, substituindo pela copa do mundo, pois no momento não valeria a pena criar mais que um torneio mundial em poucos anos. O futebol foi difundido pelos europeus no continente americano não é por acaso que tanto o Uruguai, quanto a Argentina se destacaram na modalidade, assim como a seleção brasileira em outras copas, chegando a serem confundidos como “detentores do esporte”, mas a eficácia do futebol para resolver ou engrandecer questões políticas não é tão recente quanto imaginamos. Desde o século XIV, existem registros de times de futebol italiano que se resolviam e decidiam questões “diplomáticas” ou políticas entre as comunidades, para que tudo ocorresse na paz, sem armas, sem violência, mesmo fato ocorreu na reunião em 1929, quando foram decididas entre os membros da FIFA as obrigações do país que se tornaria sede da copa do mundo que seria feita a cada quatro anos.

De acordo com Cid Pinheiro Cabral, o documento de precauções ao país sede do mundial consta com as seguintes ideias:

- . A federação Internacional organizará, cada quatro anos e pela primeira vez em 1930, uma competição denominada “Copa do Mundo”.
- . O troféu se constituirá de objeto artístico, oferecido pela federação.
- . A competição será aberta às equipes representativas de todas as federações nacionais filiadas a FIFA, e se disputará por encontros eliminatórios.
- . Os adversários serão escolhidos por sorteio.
- . A competição se disputará no período de 15 de maio a 15 de junho.
- . As partidas terão lugar, dentro do possível, no território de uma só federação nacional.
- . Se o número de inscrições for superior a trinta, a FIFA se reserva o direito de obrigar a disputa de eliminatórias prévias, com anterioridade ao torneio propriamente dito.
- . O país organizador deve tomar a seu cargo: todos os gastos da organização de toda índole, os gastos de movimentação e estrada dos árbitros e dos membros da Comissão Organizadora e os gastos de movimentação a estadas das equipes.
- . No caso em que arrecadações forem superiores aos gastos, o saldo seria repartido entre as equipes participantes, na proporção das arrecadações dos encontros que cada equipe tenha jogado. (CABRAL, 1978, p.16).

Diante desse documento elaborado durante reunião entre os clubes da FIFA, iniciou-se o debate sobre qual país seria a sede da primeira copa. Os principais candidatos para essa vaga eram países europeus e um país da América do Sul, tais como: Itália, Espanha, Holanda, Hungria, Suécia e Uruguai. Porém, a voz e preferência do Jules Rimet estavam a favor do Uruguai, pois além do belo futebol exibido nas Olimpíadas conquistando na duas vezes, sendo em 1924, na França enfrentando a Suíça e depois em Amsterdã contra a seleção Argentina em 1928, além das belas exibições das equipes sul americana existia uma explicação plausível para tal escolha. Outra explicação estava ligada à decisões políticas como retratou Cid Pinheiro Cabral: “Seu argumento (é) de ordem cívica: a coincidência da data do torneio com a celebração do centenário da constituição do país, que se marcava para 18 de julho de 1930”. (CABRAL, 1978)

A Copa do Mundo no Uruguai foi um experimento, ou seja, um embrião para que se pudessem melhorar os eventos com intuito de reunir o próprio sentimento de nacional, pois um evento dessa magnitude na época já agregava grandes assistências com um Recorde de 70.000 pessoas no estádio Centenário de Montevideu, mas teve boicote de países europeus incentivados pela Itália que gostaria de sediar a copa naquele momento, em contrapartida, naquele momento alguns países enfrentavam dificuldades com a crise econômica no mundo, tanto na

bolsa de New York ou no continente europeu, porém também argumentavam que “Montevidéo nem estádio tem”.

Jules Rimet presidente da FIFA, afirmou em Budapeste: “A decisão de Barcelona será mantida, nem que alguns tenham voltado atrás das idéias e a Europa fique alheia ao acontecimento” (CABRAL, 1978) e deixou a promessa de novos eventos em continente Europeu.

A primeira Copa do Mundo ocorreu em 1930, com 12 equipes, divididos em grupos:

Estabeleceram-se estes resultados:

Grupo I: Argentina, 6 pontos; Chile, 4; França, 2 e México, 0.

Grupo II: Iugoslávia, 4 pontos; Brasil, 2; Bolívia, 0.

Grupo III: Uruguai, 4 pontos; Rumênia, 2 e Perú, 0.

Grupo IV: Estados Unidos, 4 pontos; Paraguai, 2; Bélgica, 0.

As semifinais traduziram os seguintes resultados:

Argentina, 6 gols; Estados Unidos, 1.

Uruguai, 6 gols; Iugoslávia, 1.

Final: Uruguai, 4 gols; Argentina, 2. (CABRAL, 1978, p.22)

Sucesso, essa é a primeira reação da FIFA com tal evento, esse primeiro torneio mundial arrecadou 255.087 pesos “em virtude de alta cotação internacional da moeda uruguaia”, além de fortalecer a política do Uruguai.

Não demorou muito para outros países se influenciarem pela onda futebolística e se candidatarem a próxima copa que aconteceria quatro anos após o evento na América do Sul, pois os países europeus já pensavam: “Se a competição do Uruguai, boicotada pela Europa em todos os sentidos, fora um sucesso, a coisa tinha base mesmo”, a base que se referiam estavam ligadas às novas ideias de disputa deste torneio inovador que promoveria apenas o futebol e não seria ofuscado por outras modalidades, além de fortalecer o nacionalismo. No congresso de Estocolmo, dois países disputavam para sediar a II Copa do Mundo, a primeira era a Suécia e posteriormente a Itália que já era favorita em 1930, mas levou uma rasteira do Uruguai por questões políticas e técnicas.

O discurso fascista, patriótico e o discurso convincente de Mussolini garantiram a vitória na votação contra a Suécia, pois as palavras do líder fascista ascenderam o espírito esportivo dos membros da FIFA, mas o regime italiano estava em ascensão no continente europeu, porque a Itália havia se destacado no mapa político europeu e por isso, a iniciativa de sediar uma copa além de se

apropriar do futebol para alimentar a “honra e gloria” do antigo Império Romano. Queria também apresentar a península para outros países.

A disputa foi acirrada e participaram do evento na Península Itálica, varias seleções, a seguir na tabela:

TABELA 2- COPA DO MUNDO DE 1934.

Posição	País
1°	Itália
2°	Tchecoslováquia
3°	Alemanha
4°	Áustria
5°	Espanha
6°	Hungria
7°	Suécia
8°	Suiça
9°	Romênia
10°	Argentina
11°	França
12°	Holanda
13°	Brasil
14°	Egito
15°	Bélgica
16°	Estados Unidos

(Fonte, CABRAL, 1978, p.33)



Para os noticiários da Espanha por exemplo, foi um mundial confuso, foi um jogo que teve empate de 1a1 na primeira partida com seis jogadores lesionados da equipe espanhola e quatro jogadores lesionados pela Squadra Azzurra, fato interessante foi o segundo jogo quando ocorreu a substituição do árbitro belga que fez a primeira partida por um suíço e que “alterou” errando bruscamente contra a Espanha, resultado final 1a 0 para Itália mesmo com um gol irregular feito com a mão e independente do pênalti escandaloso não marcado ao adversário, afinal nada disso tinha importância, pois vencer o torneio era o principal objetivo por representar a glória italiana, descendente de todo esplendor da história Romana. A Squadra Azzurra venceu nas oitavas de finais o Estados Unidos e fez um placar elástico de 7a1, nas quartas de finais foi aquele jogo inesquecível contra a Espanha contendo dois jogos, o primeiro terminou 1 a1 e o segundo uma vitória de 1a0 para Itália, a semifinal a Azzurra fez um placar de 1a 0 contra a forte equipe da Áustria e afinal foi um jogo complicado para a Itália que venceu a Tchecoslováquia por 2 a1.

Além de reforçar o nacionalismo italiano, de mostrar a força política para os outros países, outro aspecto foi importantíssimo para o Estado, tratou-se da arrecadação de 3.683,000 libras, gerando um lucro de um milhão! Fato que reforçou o sucesso da Copa do Mundo.

Segundo Hilário Franco Junior, a:

Copa de 1934 foi especialmente preparado para alimentar o orgulho nacional. O projeto para tanto foi cuidadosamente preparado. A federação Italiana de Futebol foi colocada nas mãos de um general.

Além da reforma de vários estádios, dois novos construídos: o de Florença (com capacidade para 45 mil pessoas), batizado com o nome de um “mártir da revolução fascista”, Giovanni Berta; e o de Turim (70 mil lugares), homenageando diretamente o Duce e chamado de Stadio Mussolini. Houve árbitros mais que duvidosas a favor dos donos da casa. Houve violência italiana no campo. Houve, dirigida a Mussolini, saudação fascista do trio de arbitragem da decisão da Tchecoslováquia. Jules Rimet afirmou que “durante esta Copa do Mundo tive a impressão de que o verdadeiro presidente da FIFA era Mussolini”. (JUNIOR, 2007, p.50-51)

Os azzurris mostraram a força nacionalista desempenhada na II Copa do Mundo realizada em casa, afinal, reforçou atmosfera desportiva e política. Por isso, a gana de ganhar esse torneio internacional de qualquer forma, para alimentar o sentimento patriótico.

Em 1938, ocorreu a III Copa do Mundo e dessa vez, a França sediou esse evento utilizando a mesma justificativa do Uruguai, vencendo a Argentina que virou

as costas para a participação do torneio junto com o próprio Uruguai que acabou se revoltando com o menosprezo dos europeus na I Copa do Mundo, movendo uma “rebelião Americana”, mas somente dois países da América, sendo eles: Cuba e o Brasil.

Na conjuntura sócio-política, a Europa se encontrava em constantes tensões, afinal nesse período iniciariam algumas expansões territoriais dos países fascistas e nazistas que fixaram o território Austríaco tanto que vários jogadores da Áustria comporão a equipe alemã, além da sangrenta guerra civil na Espanha, mas diante de tudo isso, o torneio terminou com a seguinte classificação geral:

TABELA 3- COPA DO MUNDO DE 1938.

Lugar	País
1°	Itália
2°	Hungria
3°	Brasil
4°	Suécia
5°	Tchecoslováquia
6°	Suíça
7°	Cuba
8°	França
9°	Romênia
10°	Alemanha
11°	Noruega
12°	Polônia
13°	Bélgica
14°	Holanda
15°	Índias Holandesas

(Fonte, CABRAL, 1978, p.40)

O bicampeonato italiano ficou emblemático e marcado novamente por um equívoco na semifinal quando enfrentou o Brasil, o jogo se encaminhava para o tempo prolongado, mas um pênalti duvidoso foi marcado a favor da Itália do Mussolini, mais uma vez a política decidindo o “destino” da Copa do Mundo. Ou foi merecida a vitória da Squadra sobre os comandados do Domingos da Guia e do “Diamante Negro”? A pressão feita pelo Mussolini antes da viagem do time e comissão técnica dando uma ordem dizendo “Sejam felizes e lembrem-se de que não defenderão apenas o futebol campeão do mundo, mas a própria honra da Itália [...] com todo o verniz de um ultimato!”. Com a vitória sobre o Brasil, a Itália fortaleceu e conseguiu superar a Hungria por 4 a 2.

O futebol sempre esteve ao lado dos regimes totalitários e de certa forma, fortaleceu o nacionalismo que foi a principal característica desse sistema, pois conectam as pessoas em um objetivo e no caso dos italianos, que sempre prezaram pela diversão, o lazer, o esporte como honra e glória sempre foi fundamental.

Essa modalidade agregou ainda mais os italianos, assim como ocorreu com o Palestra Itália. Pois o futebol não é apenas um esporte, também pode ser lazer, movimento cultural, pedagogia fabril, modernização, inserção social e, por fim, pode ser comparado como uma obra de arte que se sociabiliza com a população, independente do interesse de quem a manuseia, e das diversas releituras extraídas do cotidiano, por isso tornou-se popular no Brasil, outras regiões da América e Continente europeu.

### 2.3. A “GÊNESE”: SOCIETÀ SPORTIVA PALESTRA ITÁLIA.

A formação da Sociedade Palestra Itália ultrapassou os limites territoriais e regionais principalmente pela tentativa de reunir esses imigrantes italianos dispersos pelo Brasil. Nesse sentido, a gênese de uma equipe pode ser fundamentada por diversos motivos, como a identidade dos habitantes de uma cidade, classe social, etnia ou até pela religião e mesmo assim centralizar os interesses desses indivíduos tornando-se um desafio, ainda mais por se tratar de um esporte tão improvável como o futebol, pois impossibilitava a adivinhação dos

vencedores, por ser um esporte coletivo permitiam em certos momentos algumas surpresas e que também drenavam as emoções, frustrações corriqueiras e por isso, transformou-se em alegria. Mesmo quando foi proibido pelo Estado.

O principal fator que motivou a criação do Palestra Itália ocorreu depois de uma excursão do Pró-Vercelli e o Torino de 1913 á 1914<sup>20</sup> no Estado de São Paulo, reunindo imigrantes italianos de diversas regiões com seus dialetos para assistir os clubes representados pela Itália medindo suas forças contra as equipes elitistas. Tal evento aflorou a ideia de criar uma equipe de futebol com a identidade italiana pois haviam clubes em São Paulo de ingleses, alemães e por que não formar uma sociedade com os mesmos interesses étnicos.

De certa forma, essa ideia demorou a ser assimilada por esses grupos, devido a maioria dos imigrantes que viviam em São Paulo, como relata Luiz Gonzaga Belluzzo (2009), não terem presenciado a ainda recente unificação Italiana, portanto, o sentimento desses “italianos” estavam mais enraizados em suas regionalidades do que propriamente em uma identidade “italiana”:

Os italianos, os imigrantes da península, quando vieram ao Brasil, não eram italianos. A unificação da Itália tinha acabado de ocorrer. Portanto, possuíam um sentimento regional muito forte, eram bareses, napolitanos, calabreses, vênnetos... o Palestra é um aspecto importante, era o locus de identificação dos imigrantes; muitos não tinham em mente a unidade política italiana. Esse imaginário e essa identidade foram sendo construídos aqui. Por isso, o Palmeiras não é um simples clube. (BELLUZZO ap. SALUN, 2007).

Partindo desse pressuposto, criar um sentimento de pertencimento para atrair esses grupos de varias regiões precisaria de um discurso que criasse um sentimento patriótico com símbolos e representações. Esse regionalismo dos imigrantes da península criou um obstáculo para a efetivação desse clube que foi superado apenas quando por meio do jornal *fanfulla*, foram convocados os jovens italianos de todo o Estado Paulista para a criação de uma sociedade esportiva e se aprofundarem na grande exibição das agremiações do Pró-Vercelli e Torino.

Em uma carta Luigi Cervo, fundador da Società Sportiva Palestra Itália para o historiador Walter Pellegrini, diz que:

---

<sup>20</sup> Vale salientar, que nesse período tornou-se muito comum as excursões dessas equipes.

Eu e meus colegas funcionários da casa Matarazzo fazíamos parte da Sociedade Recreativa e Dramática Bela Estrela, onde reuníamos as nossas famílias para eventos lítero-musicais e também para as danças que para, naquela época, era considerada como gênero de esporte. No entanto, as visitas á nossa capital das equipes de futebol da Pró-Vercelli e Torino, que aqui realizaram onze partidas, repercutiam em todas as classes, provocando, como era natural, o sentimento patriótico da colônia com momentos de empolgação e de entusiasmo transbordante. (PASQUALINI ap. Academia de história Palestra - Palmeiras, 2009).

Após a publicação de uma carta e da convocação pelo jornal fanfulla a “esta sociedade composta de conceituados moços pertencentes a colônia italiana de São Paulo” (ARAÚJO, 1996). Ocorreu a fundação do Palestra de São Paulo em 26 de agosto de 1914, com a presença de 46 pessoas, mas: Luigi Cervo, Vincenzo Ragnonetti, Luigi Emanuele Marzo e Ezequiel Simone foram os principais detentores da criação dessa agremiação com intuito de recriar, remodelar ou construir um nova imagem da identidade italiana contra os rótulos negativos, alimentado pelo sentimento de pertencimento patriótico, unificando o regionalismo cultural, dialetos, interesses político-econômico e culturais para seus filhos e jovens, possibilitando a formação de uma identidade nacional.

Seria possível criar uma Identidade cultural, um nacionalismo italiano em terras brasileiras? Afinal, para ter uma identidade nacional é preciso ter uma língua dominante para universalizar a comunicação, obter um padrão universal de alfabetização, criar uma cultura homogênea, utilizar as instituições culturais e manter um discurso que englobe todos os indivíduos, criando sentido com os rituais, símbolos e representações.

Segundo Ernest Gellner citado por Stuart Hall, a identidade nacional não é formada apenas pela região ou país que o indivíduo nasceu, mas é fruto das representações, porém:

A ideia de um homem (sic) sem uma nação parece impor uma (grande) tensão à imaginação moderna. Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas. Tudo isso parece óbvio, embora, sinto, não seja verdade. Mas que isso viesse a parecer tão obviamente verdadeiro, é de fato, um aspecto, talvez o mais central, do problema do nacionalismo. Ter uma nação não é um atributo, inerente da humanidade, mas aparece, agora, como tal. (GELLNER ap. HALL, 1998, p.48)

As comunidades tradicionais eram formadas por tribos, povos, religião e região, mas todas tinham em comum um discurso simbólico criando um sentimento de identidade e lealdade do sujeito diante das idéias que legitimam o poder da comunidade, tribo ou nação. Fazendo uma analogia, pode-se dizer que a partir do próprio nome, o Palestra Itália de São Paulo não é associado apenas como um clube de futebol ou associação de esporte, mas acaba se tornando visceral para os italianos, incentivando a sociabilidade desses imigrantes, em virtude de que a própria nomenclatura da agremiação conhecida como: Società Sportiva Palestra Itália fazia menção a sociedade italiana de São Paulo como protetora da própria cultura.

A “*comunidade imaginada*” elaborada por Stuart Hall (1998), faz menção a cinco elementos fundamentais que fortalecem a sua formação e a legitimam, a primeiro momento é constituída pela:

*Narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Como membro de tal “comunidade imaginada” [...] Ela dá significado e importância à nossa monótona existência, conectando nossas vidas cotidianas com um destino nacional que preexiste a nós e continua existindo após essa morte. (HALL, 1998, p.52)

Partindo desse princípio, existiu uma co-relação entre a criação do Palestra Itália com a comunidade imaginada. Esses imigrantes que viviam em São Paulo ansiavam fazer a América construindo um capital, fato conhecido pelas constantes propostas dos agenciadores, pois na conseguiram ter uma vida boa na península e por isso imigraram.

A ideia de formar uma sociedade dentro de um novo mundo simbolizava a iniciativa de compartilhar as histórias vivenciadas em seu antigo continente, de lembrar as experiências, os eventos históricos, panoramas, imagens e situações que pudessem interligá-los com a nova realidade, fato que é exposto a cada momento nas folhas de jornais que tinham como mandatários italianos com o intuito de jamais desvincular suas origens com a terra mãe.

São Paulo tornou-se nesse momento, um cenário idealizado pelos imigrantes italianos como um desastre por não conseguir a tão desejada fortuna proposta por intermediários e panfletos com as propagandas, tal realidade contrariava a ideia de triunfo e riqueza, mas diante de tanto descaso a união dessa classe permitia uma educação melhor e possibilitava uma continuidade das tradições culturais.

As dificuldades desses imigrantes foram importantes para aproximação dos italianos, embora existissem vários empecilhos como a linguística, pois vinham de regiões diferentes e falavam dialetos distintos, mas compartilhavam com os mesmos problemas no trabalho, na saúde, com a moradia, e também com a educação dos filhos ou até mesmo, a rejeição de algumas classes que criaram rótulos sobre esses imigrantes. Todas essas histórias os conectavam e talvez, por isso a formação de comunidades ou colônias os blindavam dessas adversidades mantendo seus laços culturais.

O segundo elemento importante para a legitimação dessa comunidade trata-se da:

[...] ênfase nas origens, na *continuidade*, na *tradição* e na *intemporalidade*. A identidade nacional é representada como primordial – “está lá, na verdadeira natureza das coisas”, algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser “acordada” de sua “longa, persistente e misteriosa sonolência”. (HALL, 1998, p. 53)

Vale salientar que em dois momentos a Sociedade Palestra Itália despertou suas origens e tradições. O primeiro foi movido pela excursão das equipes italianas levantando o sentimento patriótico culminando na fundação da comunidade e o segundo momento ocorreu no ano seguinte de sua fundação, mas expressava a iniciativa de jogos beneficentes com instituições italianas. Em 1915, quando a equipe do Palestra Itália fez um evento beneficente contra a *C.A Paulistano*, cuja arrecadação do dinheiro foi doada para a *Cruz Vermelha Italiana*. Esse fato reforçou o objetivo de mobilizar os imigrantes, e com a Itália na guerra uma ajuda à Cruz Vermelha, mobilizaria os imigrantes tocando no seu sentimento nacionalista, por isso o escudo da equipe dos “italianos”, se apropriaram da Cruz de Savóia com intuito de familiarizar-se com a pátria.

Como o Palestra Itália estava apenas iniciando suas atividades esportivas e não conseguisse entrar no principal torneio de São Paulo, algumas iniciativas foram

criadas pela agremiação na tentativa de congregar o máximo de “sócios” e adeptos na tentativa de fortalecer a entidade. E nos dois primeiros anos do clube foram realizados muitos amistosos, jogos beneficentes e bailes para sociabilizar e ganhar força para que um dia pudesse representar a Itália em São Paulo.

O jogo entre C.A Paulistano e Palestra Itália, além de financiar uma ajuda aos patriotas e atrair grande multidão por enfrentar simplesmente a equipe mais forte do futebol paulista, também tinha um poder simbólico, pois tal partida trazia um enfrentamento entre a elite e os imigrantes, imigrantes esses que não tinham as mesmas oportunidades sociais, encontrando no futebol um espaço para mostrar sua *forza* e valor moral.

Segundo Araújo, o Palestra entrou no campo com os seguintes atletas: Stillitano ; Pollici e Gambini ; I Valle ; Fiaschi e Alegretti ; Amilcare, Ferri, Cavinato, Cervo e Giannetti II. (ARAÚJO, 1996).

O terceiro aspecto fundamental para a constituição de uma comunidade imaginada, segundo Stuart Hall é a:

[...] *Invenção de tradições*: “tradição que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas... Tradição inventada significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscavam certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado”. (HALL, 1998, p.54)

No século XX, ocorreram diversas mudanças na sociedade, e a Igreja Católica foi por muito tempo uma instituição que atraiu as famílias para eventos os sociabilizando, mas como o esporte tornou-se no Brasil uma febre, atraindo multidões para uma só partida sendo em bairros, em torno das indústrias ou no velódromo de São Paulo, acabou exercendo mudanças comportamentais e foram alimentadas novas ideias que beneficiavam uma formação nacional pelo patriotismo que foi importantíssimo para legitimar as ideias de república, além dos hábitos que para Sevcenko (1992) é modificado pela modernização alterando os espaços públicos, criando praças, realizando eventos como carnaval e matinês, cuja movia a população do conforto das casas para os centros, clubes, ruas, praças, bairros ou estádios “combatendo” a tradição que era repousar no final de semana.



O futebol foi fundamental para reinventar os rituais simbólicos da população afetando todas as classes sociais e por isso, a gênese da sociedade Palestrina permitiu também modificações comportamentais, principalmente por tentar representar uma etnia que estava espalhada por todo estado paulista e encontravam-se dificuldades para se comunicar por causa dos dialetos, além de não presenciarem a unificação italiana, fato que supostamente formaria uma língua oficial e também uma identidade cultural.

O jornalista italiano Vincenzo Ragnognetti, que escreveu para o jornal fanfulla endereçada à comunidade italiana com intuito de cultivar o esporte em geral, pois naquele momento algumas atividades como danças, bailes de galas e teatros foram promovidas pela gerência do Palestra e eram tratadas como esporte e lazer.

De acordo, com o estatuto do Palestra eles buscavam preservar a cultura italiana:

STATUTO PALESTRA ITALIA S. PAOLO  
FONDATA IL 26 AGOSTO 1914

CAPITOLO I

Della società e suoi scopi

Art. 1° - Constituita com sede e domicilio giuridico in São Paulo, una Società Italiana "Palestra Italia", fondata il 26 Agosto 1914.

Art. 2° - Scopo della Società e colvitare gli sport in generale e avoluppare il gioco del calico (foot-ball) in particolare, prestando apoggio a tutte quelle iniziative e manifestazioni che si propongono il fine dell' educazione fisica , como fattore di rinvigorimento della razza, di integrazione del carattere e di di avillupo dello spirito associativo, fra i connazionali anzitutto, poi fra questi e di figli del paese e gli ospiti di altre nazionalità.

Art. 3° - Questo programma strettamente sportivo della società potrà essere allargato ed integrato com manifestazioni di carattere diverso ( feste sociali, conferenze, beneficiate ecc.), sempre che tali manifestazioni non contraddicano le basi costitutive della società , ma contribuiscano anzi alla concordia, al buon nome ed alla popularità della società.

Art. 4° - Lá società quindi non há carattere politico o religioso, ne un' impronta esclusivamente nazionalista, pur volendo mantenere quello spirito d' italianità ché nel suo nome e ché uno degli scopi della sua costituzione, come appare dagli articoli 1° e 2°.

CAPITOLO II é Dei Soci

Art. 5° - Possuono far parte della società, cittadini di qualsiasi nazionalista, residenti in S. Paulo o no, purché non all' estero, che accettino il presente Statuto e la cui moralità sia tale da non danneggiare moralmente la società .

Art. 6° - Esistono 6 categorie di soci : Onorari, Benemeriti, Fondatori, Effettivi, Perpetui e Contribuenti.

Comma a sono soci Onorari quelli che vengono nominati tali dall' Assemblea, su proposta del Consiglio Direttivo.

Comma b Sono Soci Benemeriti quelli che vengono nominati tali dall' Assemblea, su proposta del Consiglio Direttivo.<sup>21</sup> (SALUN, 2007, p.48)

<sup>21</sup> Tradução do autor está em anexo I por conter um texto grande.

A criação dessa agremiação ultrapassou as barreiras que estavam expostas a esses imigrantes e possibilitaram mudanças de cunho social, sendo que o objetivo de criar a entidade somente para italianos, fato que agregou esse grupo étnico e “universalizando” a língua italiana no clube. Devido o fato de haverem muitos dialetos.

Conforme foi relatado no estatuto do clube, existia a preocupação de apoiar o esporte, sobre tudo o futebol e posteriormente as crianças da comunidade, além de outras nacionalidades que começaram a aparecer como torcedores somente a partir da década de 50.

Para Stuart Hall, o quarto aspecto importantíssimo para constituir a comunidade imaginada e possivelmente criar sentido a esses indivíduos através da narrativa da “cultura nacional” foi:

[...] *o mito fundacional*; estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real”, mas de um tempo “mítico”. Tradições inventadas tornam as confusões as confusões e os desastres da história inteligíveis, transformando a desordem em “comunidade”. [...] Mitos de origem também ajudam os povos desprivilegiados a “conceberem e expressarem seu ressentimento e sua satisfação em termos inteligíveis. (HALL, 1998, p.54).

Para a criação de uma comunidade tornou-se necessário tomar alguns passos como criar uma conexão entre os indivíduos por meio, da boa sociabilidade fato que esboçou no decorrer do tempo como costumes, identidades, mas antes de tudo isso teve o discurso fundacional e para legitimar um sentimento nacional tem que existir um mito ou um marco histórico independente de ser um desastre ou triunfo de tal comunidade, mas que legitima-se o nascimento dessa criação, no caso do trabalho trata-se da *Società Sportiva Palestra Itália*, que pode ser listado como mito fundacional dois momentos.

No primeiro momento, foi a excursão das duas equipes italianas<sup>22</sup> na cidade de São Paulo, visto que encheram os italianos de entusiasmo para formar uma

---

<sup>22</sup> Torino F.C e Pró-Verselli.

equipe composta apenas com italianos como retrata Alfredo Salun sobre a seguinte carta de *Vincenzo Ragnetti* para o jornal *fanfulla* em:

São Paulo, 13 de agosto de 1914.

Uma palavra apenas, e para um cantinho no vosso jornal. Eis do que se trata: alguns conhecidos futebolistas italianos, mas associados a clubes brasileiros, encarregaram-se de escrever-vos à cerca de um projeto por eles idealizado entre dois goles de café, fazendo-me então compreender que de tal projeto o vosso jornal deverá tornar-se o propugnador e o propagandista.

Nós temos em São Paulo – afirmam os referidos esportistas – o clube de futebol dos alemães, dos ingleses, dos portugueses, dos internacionais e mesmo dos católicos e dos protestantes, mas um clube que seja composto exclusivamente de esportistas italianos, e sendo a nossa colônia a maior do Estado, nada se tentou ainda realizar!

Futebolistas italianos que jogam bem, encontram-se em São Paulo porque, de comum acordo, não reunimos os referidos senhores, e assim como temos associações de remo, filodramáticas, mundanas, patrióticas, entre outras, de estrutura italiana, podemos também ter um clube de futebol exclusivamente italiano.

Ai fica a propostados futebolistas italianos; com Vossa Senhoria senhor diretor, o comentário. (SALUN, 2007, p.47)

Ao decorrer do tempo, esse marco fundacional foi fortalecido de 1914 a 1915, quando a Itália entrou na primeira guerra mundial, sendo que muitos patriotas que residiam no Brasil optaram em servir o exercito italiano e o Palestra ajudou algumas instituições arrecadando dinheiro em partidas beneficentes que atraíam muitos imigrantes, assim doavam a renda para instituições caso da *Cruz Vermelha Italiana* e *Comite Feminino Italiano Pro-Itália*.

O segundo mito fundacional ocorreu em 1942, quando a Societá Sportiva Palestra Itália recebeu uma carta do governo Vargas pedindo um posicionamento sobre a lei Nº 3199 se 1941 a cerca da nacionalização das instituições desportivas com intuito de mudar planejamentos, nomenclaturas e ideologias que estivessem relacionadas ou fizessem menções a países do eixo, sendo assim, a Sociedade Palestra Itália de São Paulo teve que modificar seu nome e expulsando alguns conselheiros de cargos administrativos a mando da lei, mas muitos desses expulsos ainda mantiveram contato com o clube como sócios.

O jornalista Juca Kfourri publicou “o dia em que o Palestra continuou no Palmeiras”, retratando o dia conturbado no Palestra com o decreto do Estado

exigindo a mudança ou julgariam a instituição drasticamente correndo risco de perder os bens. De acordo com Jota Christianini citado por Juca Kfourri:

Noite fria, céu escuro, muito escuro, nenhuma estrela, sombrio, como sombria eram as notícias que chegavam. Eram os homens que entravam, eram as esperanças que pareciam morrer.

*Tomasino berra:* - Por que essa perseguição? Nós somos tão brasileiros quanto eles!

*Adalberto lamenta:* - Logo hoje que o Adami não está, nem o Pelegrini, temos que tomar essa decisão, mas o Leonardo taí e vai assumir a Presidência, a reunião vai começar.

O frio era muito intenso, os homens chegavam, alguns poucos de automóvel, a maioria de bonde, desciam na Avenida Água Branca, cruzavam os portões, com a fisionomia preocupada. Era tudo muito difícil, tudo muito injusto.

*Paschoal secretariando a reunião avisa:* - Não tem mais tolerância, podemos ter o nosso estádio confiscado e perdermos todos os pontos do campeonato. Querem usar o decreto de março que diz que os bens dos estrangeiros seriam tomados. (CHRISTIANINI *ap.* KFOURI, 2012).

A partir desse relato acerca do clima conturbado que assombrava a equipe do Parque Antártica sobre o nacionalismo, a iniciativa de modificar o nome da agremiação passou a ser imposta após uma denúncia do São Paulo Futebol Clube, justamente na reta final do Campeonato Paulista, fato que ampliou a rivalidade e também congestionou o clima do Palestra Itália, tanto que alguns torcedores argumentavam contra essa atitude do governo:

*Tomasino, fora da sala, escuta e berra :* - E por que ninguém reclamou na Revolução de 32, quando, os atletas do Palestra, fizeram o batalhão de esportistas e foram lutar pela democracia?

*Pediam calma, mas Tomasino insistia:* - Quando transformamos o estádio em hospital, epidemia de gripe, não apareceu ninguém para dizer que não éramos brasileiros?

O presidente em exercício, Leonardo tenta falar com a autoridade que exige a mudança de nome ou tomará as medidas drásticas contra o clube. Não tem êxito!

Passa o telefone ao Capitão Adalberto que argumenta com a lógica: Palestra é um nome grego e que desde março já não somos Itália, portanto o decreto contra nomes estrangeiros não nos atinge. Não tem êxito também.

Não adianta usar os argumentos do presidente do Conselho Nacional de Desportos, João Lyra Filho que escreveu que não ha propósito exigir a troca de nome e que se isso fosse levado a ferro e fogo ele mesmo teria que trocar seu nome, ja que Lyra é o nome da moeda italiana. (CHRISTIANINI *ap.* KFOURI, 2012).

A tentativa de manter o nome da equipe foi a prioridade da Società Palestra Itália, argumentando sobre a identidade brasileira que se encontrou nesses italianos que participavam da política no Brasil, caso da revolução constituinte, das reivindicações ao profissionalismo e também a solidariedade, em ajudar, transformando o estádio em hospital e nenhum momento foi questionado a nacionalidade, sendo assim, esse evento agregou mais italianos para o clube, além de comover o presidente do Corinthians que era imigrante e que já tinha uma rivalidade em São Paulo. O torcedor italiano desde início demonstrava sua postura:

*Tomasino reúne os sócios e começam a encher barricas de gasolina e colocá-las ao redor do estádio: - Se vierem tomar, nós preferimos tocar fogo do que entregar o que é nosso, compramos com nosso dinheiro. O Palestra não usou dinheiro do governo para comprar o estádio. Prossegue a reunião. Chega um telegrama, vindo do Corinthians, hipotecando solidariedade ao Palestra. Assina Vicente, um jovem conselheiro, também imigrante. O doutor Mario pede a palavra e diz que não nos querem Palestra, mas que seremos fortes para prosseguir, pois nascemos para vencer e nada nos destruirá, ainda mais que sabemos muito bem quem está por trás de tudo isso, atrás do nosso estádio e atrás do nosso campeonato. Vincenzo, fundador do Palestra, dramaturgo, jornalista, astrônomo e ator usa um pouco de cada uma das ocupações para ordenar o recinto. Não adianta o sangue palestrino ferve. Três conselheiros saem apressados e cortando a noite pelas ruas escuras vão a casa do Sr. Olival. (CHRISTIANINI ap. KFOURI, 2012).*

O Palestra Itália foi reconhecido pela mídia como o time dos italianinhos, a criação dessa sociedade teve como objetivo criar uma equipe de origem italiana, mas com essa lei o que seria da equipe? Perderia todos seus bens? A solução naquela época estava nas mãos de alguns conselheiros que deveriam arrumar um nome para equipe italiana. As ameaças de retificação dos bens dos palestrinos aumentavam o nervosismo dos sócios e torcedores, que se muniram de gasolina com intuito de proteger o bem simbólico (Estádio) conquistado com dificuldades e lutas, mas:

Todos esperam, Tomasino e seus amigos, nervosos, circulam pelo estádio de olho nos portões. Hora depois o carro volta, olhares tristes dos amigos do Tomasino confrontam com os ocupantes do carro, parecem esperançosos. Olival não só autorizou como fez questão de vir junto, avisa Adalberto. Reiniciam a reunião. Dr. Mario, completa a frase

- "NÃO NOS QUEREM PALESTRA, POIS SEREMOS PALMEIRAS E NASCEMOS PARA SER CAMPEÕES". (CHRISTIANINI *ap.* KFOURI, 2012).

A reunião terminou, a Societá definiu o futuro da agremiação e modificou o nome para Sociedade Esportiva Palmeiras, após a autorização e apoio de Olival Costa presidente da equipe A.A. Palmeiras, mas e o sentimento dos "palestrinos"? Como disse Enrico: "o Palestra continua no Palmeiras e Oberdan vai jogar sempre com o azul para lembrar a Itália"<sup>23</sup>.

De certa forma, esse foi um evento que fortaleceu ainda mais esses imigrantes em torno do clube, porque foi a partir desse marco que a equipe venceu no mesmo ano o rival São Paulo Futebol Clube e ampliou sua força no estado agregando também torcedores de outras realidades sociais, mas que simpatizavam com a história do clube.

Para Olavo Realli (SALUN, 2007) a mudança do nome trouxe ao Palmeiras mais adeptos, tendo em vista que a partir de 1950, quando ele chega à cidade de São Paulo e vai ao jogo acaba-se sociabilizando com torcedores negros, fato desconhecido até então para o clube, tal fato expressa a importância do futebol para ultrapassar os preconceitos.

Além da narrativa de nação, a ênfase nas origens que é a continuidade de uma tradição cultural, da invenção de tradições e do mito fundacional, existe um quinto elemento fundamental para a criação da identidade nacional ou comunidade imaginada e para Stuart Hall trata-se de uma simbologia que transmite a:

Ideia de um povo ou folk puro, original, mas nas realidades do desenvolvimento nacional, é raramente esse povo (folk) primordial que persiste ou que exercita o poder [...] O discurso de identidade nacional não é, assim, tão moderno como aparenta ser. Ele constrói identidades que são colocadas de modo ambíguo, entre o passado e o futuro. Ele se equilibra entre a tentação por retornar a glórias passadas e o impulso por avançar ainda mais em direção à modernidade. (HALL, 1998, p. 55).

A iniciativa de criar uma identidade nacional, precisa de um povo, uma raça original foi assim na Alemanha nazista, foi assim no Brasil tentando miscigenar a cultura para civilizar a população que aqui vivia e no caso Palestra trata-se dos

---

<sup>23</sup> KFOURI, Juca. O dia que o Palestra continuou no Palmeiras. 2012. Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br>. Acesso em: 14 mai 2014.

italianos que aqui residiam, viviam na expectativa de manter os laços culturais que trouxeram consigo agregando esses imigrantes e através do futebol, alcançaram títulos regionais, nacionais e posteriormente, vitórias internacionais, afinal para os sócios o “Palestra nasceu para ser campeão”, além de conquistar um respeito diante da elite cafeeira que lutavam contra o Wanderers F.C, substituído então pelo Palestra Itália.

Em meio a esse contexto, a equipe de Palestra entrou no principal torneio de São Paulo, foi apenas em 1916, mas antes dessa decisão o clube não conseguia nenhum apoio para disputar tal torneio.

Para Alfredo Salun:

Mais uma vez as portas da entidade lhes foram fechadas. A alegação oficial era que uma equipe que perde de forma tão humilhante, não apresenta condições para disputar uma competição tão importante. Mas, na verdade, o que nosso clube já enfrentava, era um preconceito, uma xenofobia explicável apenas pelo fato de muitos “oriundis” já terem enriquecido... Em outras palavras, era puro despeito. (SALUN, 2007, p.68)

A prática de marcar jogos beneficentes foi fundamental para atrair o estereótipo italiano, embora a derrota contra a equipe do Santos por um placar de 7 a 0 tenha minimizado a chance de disputar o torneio da APSA, não foi uma decisão concreta, visto que os imigrantes foram buscar apoio e a força com o *conde Francisco Matarazzo*<sup>24</sup>, entre outros italianos influentes para intermediar uma negociação com a elite futebolística de São Paulo, a fim de participar desse campeonato regional e de fato, a negociação teve êxito, em 1916 a Società Sportiva Palestra Itália ingressou no torneio, mas tal decisão não agradou em nenhum momento a mídia jornalística (O Estado de São Paulo - OESP) que argumentavam com insatisfação a participação de uma equipe pertencente a um grupo étnico e de classe média.

Naquele ano a equipe Palestrina não teve uma campanha convincente, como mostra a tabela a seguir sobre o Campeonato da APSA de 1916.

---

<sup>24</sup> O Conde Matarazzo foi um homem importante para inserção dos italianos na elite do futebol paulista, afinal ele intermediou a inclusão do clube, além de facilitar a compra do Estádio Parque Antártica em 1920, os operários investiam na Sociedade Esportiva Palestra Itália com os lucros das Indústrias Matarazzo.

TABELA 1- CLASSIFICAÇÃO  
DA APSA 1906.

Posição	Equipes
1°	Paulistano
2°	São Bento
3°	Ypiranga
4°	Mackenzie
5°	A.A. Palmeiras
6°	Palestra Itália
7°	Santos

(Fonte, SALUN, 2007, p.7)

A equipe já mostrava certa fragilidade naquele ano, principalmente com a derrota contra a equipe dos Santos, embora tivesse estreado no torneio de forma convincente após empatar de 1a1 com a equipe universitária do Mackenzie, com a escalação a seguir:

Fabbrini  
Grimaldi e Ricco  
Fabbio II, Bianco e De Biasi  
Gobbato, Valle II, Viscovini, Bernardini e Cestare. (ARAÚJO, 1996, p.7)<sup>25</sup>

No decorrer do torneio a agremiação deixou a desejar perdendo muitos jogos e abrindo questionamentos sobre sua permanência no campeonato, afinal a equipe do Corinthians conquistou vários campeonatos na várzea, além de ser mais velho que a equipe Palestrina, mas após a suspensão do Wanderers e a decisão de suspender as atividades esportivas, ou seja, o futebol caso que acaba abrindo mais

<sup>25</sup> A equipe do Palestra Itália utilizou por anos esse sistema tático de um goleiro, dois zagueiros, três meio campistas e cinco atacantes, sendo assim, preservei o formato da fonte, de acordo com a tática do time.



duas vagas na APSA para o ano de 1917, possibilitando então o ingresso das agremiações dos italianos (Palestra) e o Corinthians motivado pela classe popular.

Após o termino do campeonato e o titulo do Club Paulistano, a italianidade presentes na sociedade optaram por realizar mais jogos no estado de São Paulo para aumentar os números de adeptos, jogos contra as equipes: *Mackenzie, Santos, Sport Club Taubaté (vitória de 1a0 para equipe dos italianos), Associação Athletica Caçapavense, A.A. Palmeiras, C.A Ypiranga, Guarany de campinas e Black team de campinas*. Segundo José Renato Campo Araújo, após vitória sobre o Taubaté houve uma festa para os italianos “Na residência do Sr. Cav. Monteri realizou-se animado baile, oferecido pelo colônia italiana aos rapazes do Palestra Itália” (ARAÚJO, 1996, p.9).

A iniciativa do Palestra de São Paulo constitui na “estratégia de inserção”, sendo assim, apenas com aproximação dos estereótipos formando uma comunidade que transcendia a inserção no futebol, mas possibilitava uma chance de ascender socialmente e combater o preconceito sobre os rótulos criados sobre o estereótipo italiano (proteção cultural).

A comunidade italiana chegou a realizar uma festa solene para comemorar a vitória do Club Paulistano e convidando o presidente do Paulistano que juntamente com alguns adeptos festejaram a conquista da equipe elitista. (ARAÚJO, 1996, p.10) Dessa forma, a sociedade italiana se apropria dos bailes, eventos e jogos como uma tática de sociabilidade para os sócios, além dos clubes que faziam parte da elite futebolística com intuito de manter a conquista do acesso ao torneio.

Em 1917, o futebol paulista encontra uma novidade e trata-se da junção entre a Associação Paulista de Sports Athleticos com a Liga Paulista de Futebol, unindo os clubes para formar apenas um torneio, sendo assim a equipe Sport Club Corinthians e Sport Club Internacional juntam-se na competição com as agremiações do: C. A. Paulistano, São Bento, Mackenzie, S. Palestra Itália, Santos, Ypiranga e A.A. Palmeiras.

Nesse ano a Societá Sportiva Palestra Itália estava forte fazendo uma campanha convincente, vencendo a equipe do S.C Internacional por 2a0, medindo forças contra o S.C Corinthians e levando a melhor pelo placar de 3a0, derrotado apenas pela equipe do A.A. Palmeiras, porém só não levou o título de campeão

Paulista naquele ano por manter uma série de quatro empates com as equipes do Mackenzie, São Bento (2 vezes) e A.A. Palmeiras no segundo jogo, fato que deu o bicampeonato a equipe tradicional C. A. Paulistano. (ARAÚJO, 1996)

Embora a boa campanha na APSA<sup>26</sup>, ainda assim não conseguiram trazer o primeiro título para a comunidade italiana apreciar o momento, ainda assim, se mantém a “política” de jogos beneficentes e dessa vez tiveram jogos contra o C.A. Paulistano, Brasil F.C, Torino F.C, Internacional e novamente contra a equipe do Paulistano.

O primeiro jogo beneficente do ano ocorreu no dia 18 de Março, com intuito de ajudar novamente o *Comitê Feminino Italiano Pró- Itália* com a equipe do Palestra Itália enfrentando o C.A. Paulistano com a seguinte escalação:

Flosi  
Bianco e Grimaldi  
Picagli, Bertolini e Fabbi  
Gaetano, Ministro, Ettore, Orlando e Martinelli. (ARAÚJO, 1996, p.11)

Essa equipe era a base do ano inteiro, tanto no torneio da APSA, quanto nos jogos beneficentes e raramente tinha alterações que aconteciam só em casos de suspensões por cartões ou lesões. O sentimento patriótico desses imigrantes italianos aumentava com as vitórias e conquistas do clube, sendo que no ano de 1917, tiveram apenas uma derrota contra A.A. Palmeiras no torneio, mas em jogos beneficentes conseguiram vitórias em todas as partidas inclusive um 3a2 no *team* tradicional e bicampeão Paulista.

No dia 24 de Março, ocorreu outra partida beneficente, porém contra as equipes do Brasil F.C e a equipe italiana do Torino F.C arrecadado os lucros para o *Comitê Italiano Pró-Pátria*, mas o Palestra também realizou duas excursões no interior de São Paulo contra as equipes do Comercial F.C jogo que terminou empatado 1a1 e A.A. Caçapavense que perdeu por 6a3, com intuito de expandir sua força entre os italianos, visto que os amistosos marcados faziam parte de uma rota das indústrias Matarazzo.

---

<sup>26</sup> Associação Paulista Sports Athleticos.

Em outubro de 1917, os palestrinos confrontaram a equipe do Internacional em dois jogos no mesmo dia, porém, com equipes diferentes, ou seja, a primeira partida, as duas equipes jogaram com o *team* principal e na outra a seguir com o time reserva, esse jogo beneficiou a “*Cruz Vermelha Brasileira*” e a “*Cruz Vermelha Italiana*”.

O ultimo jogo beneficente foi retratado por José Renato Campos Araújo (1996), como um fato interessante, afinal trata-se de uma união entre Sociedade Palestra Itália e Club Sport Corinthians contra o Club Paulistano, evento esse criado pela “*Associação de Chronistas Sportivos*”, embora a equipe Palestrina fosse escolhida apenas para substituir a equipe do Flamengo que não poderia vir a São Paulo disputa esse evento de entidade Brasileira e por isso, escolheram o Palestra, não pela identidade Italiana, mas por fornecer bons atletas em um período curto para montar uma equipe, tal fato expressa pela primeira vez um reconhecimento da força e técnica que a sociedade italiana criou em torno do clube e também os bons jogadores que criaram respeito pelo futebol do clube.

Depois de um tempo no futebol paulista a equipe dos italianos conseguiam mais status para marcar organizar eventos, marcar jogos contra times do interior em estádios que normalmente só a elite poderia jogar como no Velódromo ou o Parque Antártica, por conta da influência e aceitação com as equipes tradicionais, mas ainda assim existia um preconceito e revolta da imprensa desportiva sobre o futebol dos italianos. Na maior parte da cobertura dos jogos do Palestra Itália no campeonato não aparecia a escalação do clube e poucas vezes falava-se das investidas que o time italiano faziam no campo de jogo, minimizando o futebol do clube e relatando jogadas inteiras dos adversários, a própria crônica do jogo criava-se um distinção, pois falavam-se nome e sobrenome do jogador adversário, enquanto do Palestra Itália referiam-se mais ao guarda redes e um ou, outro jogador com o sobrenome para demonstrar o estereótipo italiano. (ARAÚJO, 1996)

Para focar essa parcialidade da mídia desportiva, Campo Araújo mostra um relato do ultimo jogo do torneio entre Palestra Itália e Ypiranga pela OESP, que terminou com uma vitória dos italianos pelo placar de 6a1.

Com o match realizado hontem na floresta entre Palestra e Ypiranga, encerrou-se a temporada official de ‘foot-ball’.  
O Palestra fechou o campeonato com chave de ouro, pois conseguiu derrotar antagonista pelo elevado score de 6 ‘goals’a 1.

Do 'team' alvi-negro(Ypiranga) apenas Formiga e Estrella jogaram bem, notadamente o primeiro, que muito se esforçou para atenuar a derrota da sua 'équipe'.

O 'forward' ipiranguista fez diversas investidas perigosas contra o rectangulo italiano, mas não surtiram o desejado effeito pela falta de companheiros que o ajudassem.

A defesa do Ypiranga esteve indecisa e sem firmeza, compromettendo bastante a acção do 'Kepper'. Este tambem não agiu com precisão. Faltou-lhe a devida calma e, alem disso, o guarda alvo do 'team' de Formiga fez as suas costumeiras piruetas e brincadeiras proporcionando ensejo aos adversarios para augmentar em o numero de pontos.

Os 'halves' esfroçaram-se para se oppor ao ataque do 'team' tricolor (Palestra Itália).

O Palestra apesar da victoria que obteve não desenvolveu jogo assombroso.

Alguns elementos do 'team' tricolor fizeram jogo pesado.

Picagli não nos agradou hontem, pois fez jogo para archibancadas.

Flosi como sempre defendeu galharadamente seu posto, fazendo belas tiradas. (ARAÚJO, 1996, p.14)

Negar a superioridade do Palestra Itália sobre a equipe do Ypiranga criou-se uma questão, afinal o fato de ignorar o time vencedor e suas jogadas, enfatizando mais as jogadas da equipe que pouco jogou ou construiu perigo a baliza Palestrina, trata-se de uma atitude de rejeição ao estereótipo ou a qualidade técnica da equipe italiana, que foi convidada para substituir a equipe carioca e que tornou-se vice campeão no torneio no mesmo ano?

De acordo com José Renato Campo Araújo, o jornal OESP publicou no dia 4 de novembro de 1917, um artigo falando sobre a Societá Palestra Italia e sua comunidade italiana.

#### O PALESTRA ITÁLIA E O CAMPEONATO DE "FOOTBALL"

O nosso numero de hontem sahiu uma secção livre, em que, ironicamente, se fazia alusão a uma chronica sportiva de um dos collegas da manhan.

O collega que é italiano, na apreciação, considerou o Palestra Itália, 'team' formado de filhos de italianos, forte e disciplinado. Foi o quanto bastou para que um 'sportman' não concordando com aquelle juizo, fizesse tal pilheria - pilheria sim, porque outro nome não pode ter.

É lamentavel que se envolva nas entrigas sportivas, sentimentos os mais nobres, como é o patriotismo, nesta época o mais sagrado.

É claro que não aplaudimos semelhantes pecuinhas, rutos da rivalidade entre clubs, que disputam os torneios em São Paulo.

Mas, pela natureza da publicação verifica-se que aquillo não é mais que uma brincadeira, que bem merece o nome de mau gosto. Não acreditamos que houvesse o intuito de ferir os italianos. No 'football', em todos os tempos o antagonismo entre as sociedades provoca desses desabafos intempestivos. A nossa educação sportiva, infelizmente não chegou ainda a um grau de perfeição que era para desejar. De sorte que, estes e outros

incidentes, inoffensivos no fundo, não podem, por enquanto, molestar a quem quer que seja. O regionalismo, no sport, existe só para reduzidos numero de pessoas, que alias não tem responsabilidades effectivas na direção das entidades de 'sport'. E tanto não existe que as associações, tradicionalmente brasileiras, dão ingresso a estrangeiros. Se tem sido assim até aqui, agora, então, não ha absolutamente motivos para desconfianças. E ainda mais com os italianos.

Hoje somos todos brasileiros e italianos, francezes, ingleses e portuguezes, aliados, pois que combatemos por uma só causa. Por conseguinte, não se deve dar importância exaggerada a esses factos alias naturaes em se tratando de coisas do 'football'. (ARAÚJO, 1996, p.15)

Essa nota foi publicada, em função de questionamentos de leitores, acerca da existência e aceitação do Palestra Itália na principal liga paulista, de certa forma, o Palestra foi a guerra para conseguir se inserir e sobretudo, tornar-se uma força tradicional nesse esporte honrando a pátria.

No decorrer do tempo, a sociedade italiana foi convivendo com essas questões de intolerância, problemas, conflitos e descaso do próprio governo sobre a população, sendo que para a população nativa já encontrava certas dificuldades no cotidiano, então imagine para o imigrante que deveria conviver com os brasileiros.

Por isso, a formação de uma comunidade imaginada em torno do futebol facilitava a inserção social, preservação cultural e garantia o orgulho de honrar a pátria, por manter os laços culturais em terras distantes.

O primeiro título do Palestra Itália ocorre apenas em 1920, legitimando a primeira conquista do clube e mais que isso, tornava-se a realização de um objetivo, fazendo parte da história do torneio, e integrando a elite dos grandes clubes do futebol paulista ainda mas, por ter batido na trave em 1917 e 1919 com uma boa campanha.

A Societá Sportiva Palestra Itália conquista seu primeiro título e “são esses os elementos do Palestra”:

Primo  
Bianco e Pedretti  
Bertolini, Picagli e Fabbi  
Gaetano, Ministro, Heitor, Imperato e Martinelli. (ARAÚJO, 1996, p.20)

Os italianinhos, como se referiam a torcida do Palestra, aumentavam gradativamente e chamavam atenção da elite, jornais desportivos, além dos demais clubes, pois em 1920, a equipe italiana conseguiu boas *assistências* (referente ao

público que assistia) não se tratava apenas de imigrantes da classe média, mas também operários e simpatizantes, fato que incomodou a elite nas arquibancadas, visto que, na década de 20, o futebol brasileiro deixava de ser exclusivo da elite, sendo assim, muitos conseguiam acesso ao espetáculo evento que desagradava a classe alta.

A equipe perdeu apenas dois jogos, sendo eles para Corinthians e Paulistano, além de dois resultados inesperados que foram dois empates contra a equipe do Ypiranga e dos Santos, criando uma tensão ainda maior sobre o vencedor do torneio, visto que a vitória do Paulistano obrigou o Palestra Itália decidir em um terceiro jogo para ver o campeão e assim o time italiano ganhou de 2a1 se consagrando no dia 19 de dezembro de 1920.

De certa forma esse título não minimizou o descaso e parcialidade do jornal desportivo sobre os “italianinhos”, alegando que o clube não está “à altura dos foros de civilização (sic) do povo paulista” (ARAÚJO, 1996), pois realizavam a prática do *falso amadorismo*, criando uma prática “pelo prazer e satisfação do esporte, para engrandecimento e desenvolvimento da raça”, porém os jornais colocavam a escalação do Palestra Itália, fato que anteriormente não acontecia. (ARAÚJO, 1996)

Tal justificativa do jornal O Estado de São Paulo foi controlada conforme os interesses, visto que na derrota para o Corinthians de 2a1, jogo bem disputado por ambas equipes, porém com a derrota do Palestra a mídia se utiliza da crônica para desestabilizar o ambiente do clube dizendo que “estava em decadência, por sua derrota para uma equipe tradicional da cidade” (ARAÚJO, 1996) , mas quando havia necessidade de proteger equipes tradicionais como a Mackenzie que estava em crise e pretendia se fundir com a Portuguesa para montar uma equipe representando os portugueses de São Paulo eles chegaram a utilizar o Palestra Itália como um exemplo de clube pelo sucesso que atingiu entre a década de 20 a 30, conquistando os seguintes títulos: Campeonato Estadual em 1920, 1926 invicto, 1927, 1932 invicto; Taça Competência 1920, 1926, 1927, 1932 e Torneio Rio-São Paulo em 1933, entre outros campeonatos de menos expressam como a Liga Paulista de Futebol que foi torneio amador, além da Taça Guarani, Taça Paraná e Taça A.A. Palmeiras.

O quarto título no campeonato regional teve um significado importante para o Palestra Itália, afinal tornava-se o primeiro campeão do futebol profissional brasileiro

e ainda conseguiu essa façanha invicto, ganhando de 5a1 do S.C. Corinthians, vitória também sobre o São Paulo Futebol Clube por 1a0 e 6a0 para equipe do Palestra Itália<sup>27</sup> na final contra a Portuguesa Santista.

Por isso, no decorrer do tempo o objetivo de inserção social através desse movimento cultural em torno do futebol possibilitou um aumento de sócios no clube, visto que em 1914 existiam 45 sócios, 1917 passou para 75 sócios, 1927 alcançou a marca de 1.630 sócios, e em 1930 chegou a 2.300 sócios<sup>28</sup> e não foi apenas o crescimento do clube que fez o Palestra chegar a um sucesso, mas também a devoção ao sentimento cultural envolvido pelo patrimônio do clube, tanto que a segunda guerra mundial, além de promover mudanças na instituição pelo fascismo e constantes ameaças de perder o patrimônio a Societá Sportiva Palestra Itália modifica o nome para Sociedade Esportiva Palmeiras protegendo a estrutura montada desde 1914, defendia com suor e batalhada para conseguir toda história criada pelo clube.

A Sociedade Esportiva Palmeiras tornou-se mais do que uma agremiação esportiva de estereótipo italiano e a partir da década de 20 quando ainda era Palestra Itália já movia sentimentos de operários ou cidadãos que encontravam no clube certas ligações que conectavam por mais que tivessem atritos com jornais os títulos ganhados sem nenhuma influência da mídia e do jeito italiano de defender sua cultura, patrimônio e futebol, impôs respeito a elite futebolística, conseguindo a inserção social dessa classe, além de lutar pela profissionalização do futebol e, com a nacionalização do esporte no Brasil. “Eis que surge um alviverde imponente” no gramado com a bandeira do Brasil sendo carregada pelo Oberdan Catani e pelos italianinhos que não deixaram o Palestra, mas continuaram com o Palmeiras, porém permanece no interior da representação como Palestra Itália.

---

<sup>27</sup> Escalação: Nascimento, Carnera, Junqueira, Garcia, Dula, Tuffy, Avelino, Gabardo, Romeu, Del Bianco e Imparato

<sup>28</sup> SALUN, Alfredo Oscar. Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou buona gente? Dissertação – USP, São Paulo, 2007.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol brasileiro tem assumido um papel significativo na vida social de uma grande parcela da população. Ficou a impressão de que somos os criadores desse esporte, devido à enorme paixão que ele exerce sobre multidões brasileiras.

É sabido que o esporte, principalmente o futebol num país cheio de desigualdades como o Brasil, seja uma ferramenta para a inclusão social, pois é no esporte que todos são iguais, buscam um só ideal.

Por isso, o futebol se tornou preferido e parte da família brasileira mesmo que o time não esteja ganhando, torcem, fazem o possível para incentivar os jogadores, a terem um bom resultado. Como se suas vidas estivessem em jogo. É incrível como o futebol, é capaz de influenciar a todos, seja pobre, rico, intelectual, humilde.

Não é diferente com o Palestra Itália desde sua gênese conseguiu formar uma identidade italiana e unir os interesses diferentes que existiam sobre essa etnia que vieram de várias regiões, com vários dialetos, e de certa forma, atraiu os imigrantes para o clube, criando uma relação entre esses indivíduos.

A iniciativa de utilizar o futebol foi para combater a imagem de que todo o italiano que vinha trabalhar no Brasil, fosse analfabeto, ignorante e pobre.

A Sociedade Palestra Itália sempre manteve laços com o consulado Italiano, foi assim com jogos beneficentes apoiados pelo *Circolo Italiano* em 1911, até por que muitos patriotas não viviam mais na Península Itálica e por isso, não presenciaram a Unificação Italiana nas terras italianas, por terem imigrado a outras terras, ação que incentivou o Governo italiano para criação de centros diplomáticos para transmitir o conhecimento cultural e a identidade nacional. Por isso, foi muito comum no Brasil a doação de livros divididos em duas partes uma na língua italiana e outra em português com intuito de alfabetizar e transmitir ao mesmo tempo a cultura italiana.

Na práxis, os primeiros anos de Società Sportiva Palestra Itália ficaram marcados pela construção da italianidade no Estado de São Paulo, afinal o principal objetivo inicialmente era congregar o maior número de italianos ao redor desse time para conseguir um reconhecimento social entre as equipes elitistas da sociedade receptora. Vencer uma partida contra qualquer time da elite tradicional paulista é sobretudo, ultrapassar os obstáculos criados pela imagem negativa do italiano, por



isso os italianinhos cobravam empenho, garra e raça da equipe. Na medida em que a equipe ia enfrentando outros clubes de igual para igual, mais ocorria o fortalecimento étnico e cultural desse grupo tão cheio de dialetos e costumes diferentes.

O descaso do mundo jornalístico era tanto, que os italianos mal eram mencionados, escalações foram excluídas, relatos que davam superioridade de outras equipes independente do resultado, mas o que chamou a atenção foi à rivalidade criada no decorrer do tempo com a equipe tradicional do Paulistano que venceu o torneio da APSA em 1915, 1916, 1917 e 1918, a equipe do Corinthians e o São Paulo Futebol Clube.

Todos esses obstáculos criados em relação aos italianos, fortaleceram a sua identificação com o clube, passaram por muitas atribulações, como no início do clube, quando os integrantes do Palestra foram à guerra, sendo a equipe forçada a trocar de nome, caso contrário os jogadores e o clube perderiam os bens, fato que fortaleceu o discurso de que um indivíduo expressa seus sentimentos e identificação com o clube criando-se clãs, possibilitando a captar resquícios culturais de cada região e que normalmente são incorporadas como pertencentes do próprio esporte, caso do nacionalismo getulista que moveu os brasileiros na Copa do Mundo de 1938.

O futebol é um mecanismo fundamental para ligar e conectar indivíduos, grupos e nações, também pode alterar hábitos e promover transformações sociais. O Palestra Itália não é o único clube a se apropriar do esporte e mover seus interesses manifestando sua cultura.

O que era para ser apenas um esporte, tornou-se uma arma política junto com a globalização que impulsiona o mercado e a economia do país.

Estamos próximos de uma Copa do Mundo no Brasil e percebemos o quanto a população se contagia pelo torneio mais importante do mundo. Na maioria dos casos é o único fator que identifica o brasileiro como pertencente à identidade nacional, afinal o indivíduo desenrola a bandeira da nação, a camisa da seleção e prepara as festividades com amigos e familiares.

O futebol desde sua popularização já evidenciava sua importância para o bem-estar social, tem sido aquém de um esporte com regras e tornou-se uma definitiva forma de superar as dificuldades do dia a dia. Além de ser um refúgio das

minorias, pois essa modalidade conseguiu inserir negros, imigrantes e até indivíduos com baixo poder financeiro. Esse esporte é imprevisível pelo fato de garantir a vitória apenas para a equipe que jogar bem a partida, dando bola às vezes para a zebra, afinal, independente da qualidade técnica a equipe tem que resolver no campo e um descuido pode dar a vitória a outra equipe.

No âmbito social, o esporte vem ganhando destaque importante por permear em assuntos que anteriormente não desempenhava tanta importância como nos setores políticos e econômicos, mas hoje uma partida em uma final de Copa do Mundo ou de Liga Nacional movimenta o mercado, fruto do profissionalismo que mexe com as bilheteiras, camisas de times e prêmios expressivos que deixam o futebol mais globalizado.

O Palestra Itália alcançou seu auge em 1920, quando se consagrou campeão regional, algumas vezes como em 1926, 1927, 1933, 1934, 1936, 1949, 1942, 1944. A Sociedade Esportiva Palestra Itália completa dia 26 de agosto de 2014, seu centenário, um marco importante aos Palestrinos que renasceram e foi campeão com a Sociedade Esportiva Palmeiras, afinal, trata-se de 100 de lutas pelo time dos italianos que sempre tiveram o anseio de serem reconhecidos socialmente pela elite paulista e fazerem parte da história de São Paulo, além dos 100 anos de glórias que fortificaram o sentimento de amor do torcedor pelo clube que se mantêm na elite do futebol brasileiro fazendo parte da história do futebol nacional.

Como relata Enrico: O Palestra continua no Palmeiras e trata-se do mesmo time que entrou em 1942, carregando pela primeira vez a bandeira do Brasil por Oberdan Catani e primeiro título da Sociedade Esportiva Palmeiras que sofreu ameaças de ataques por parte dos torcedores do São Paulo, ameaça de retificação dos bens por trair a pátria brasileira e mantendo laços desportivos com um país do eixo, fato contra a lei de Getúlio Vargas. O Palmeiras ganhou a partida por 2 a 0, garantindo outro título nacional diante do rival São Paulo que se recusou entrar a campo no segundo tempo para jogar com o Palmeiras.

Portanto o futebol vai além das quatro linhas do gramado, esse opera no sentimento dos torcedores, na sociabilidade dos indivíduos possibilitando a criação ou remodelação da identidade cultural, permite o lazer para crianças carentes que veem no futebol uma maneira de vencer as barreiras que a sociedade as impõe, se envolve com a política, alavancando a economia, usando esse esporte como um

mecanismo modernizador, trazendo e fazendo transformações sociais, inserindo e focando as crianças pobres que poderiam estar nas ruas, ou revoltadas sem nada para fazer a um mundo mais real, mesmo que permeado por sonhos, já que a maioria dos meninos pobres querem ser jogadores de futebol, com algumas ressalvas, também existem meninos de classe média que sonham em ser astros do futebol. Mas independente disso, o esporte, seja ele qual for, é capaz de tornar as crianças e jovens, pessoas mais centradas, responsáveis, com esperança e a certeza de que não importa de onde você venha, mas o que importa é onde você pode chegar, e a validação da pessoa humana, a valorização da sua estima, são fatores imprescindíveis para tornarem nosso povo, nossas crianças e jovens em adultos responsáveis, mais seguros, mais críticos e detentores de uma vida digna e exemplar, seja em qualquer classe social, e o esporte proporciona essa igualdade e respeito para as diferenças, afinal, todos somos diferentes.

## FONTES

CINQUANT'ANNI Di Lavoro Degli Italiani in Brasile - Società Editrice Italiana, Roma, 1936.

CONSTITUIÇÃO da República dos Estados Unidos do Brasil (De 24 de Fevereiro de 1891). Disponível em: [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em: 23 mai 2014.

O NOVO PALMEIRAS. Revista Comemorativa de 75 anos da Sociedade Esportiva Palmeiras – São Paulo Global: Tempo e Memória, 1989.

ARAÚJO, José Renato de Campos. *Imigração e Futebol: O Caso Palestra Itália*. 1996 – 29f. Dissertação ( Mestrado em Sociologia) Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Campinas: Unicamp, 1996. Disponível em: <http://bibliotecadigital.unicamp.br>. Acesso em: 21 nov 2013.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A editora; 1998.

DECRETO-LEI nº 3.199, de 14 de Abril de 1941(Conselho nacional de desportos). Disponível em: <http://www2.camara.leg.br>. Acesso em: 21 mai 2014.

## REFERÊNCIAS

- ALVIM, Zuleika M. F. *Brava gente! Os italianos em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ANTUNES, Fátima Martin. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. f.190 .Dissertação de Mestrado em Sociologia, FFLCH-USP, 1992. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br>. Acesso em: 15 fev 2014.
- BELLUZZO, Luiz Gonzaga apud SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians: Quinta coluna ou buona gente?*. f.283 . Tese de Doutorado – USP, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br>. Acesso em: 21 nov 2013.
- BOBIO, Norberto e MATTEUCCI, Nicola apud STREAPCO, João Paulo França; RÚBIO, Kátia. Hipóteses para a popularização do futebol em São Paulo (1894-1920). In: *Revista de História do Esporte*. , 2. v.; n.1, junho, São Paulo: USP, 2009. Disponível em: <http://www.sport.ifcs.ufrj.br>. Acesso em: 21 nov 2013.
- CABRAL, Cid Pinheiro. *História do Mundial de Futebol*. 1. ed. Rio Grande do Sul: Editora Símbolo Propaganda, 1978.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- COSTA, Sérgio Roberto Mendonça. *Nação, comunidade imaginada pela mídia? O futebol – espetáculo e as identidades nacionais*. Enecult – UFBA, Salvador, 2007. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br>. Acesso em: 10 fev 2014.
- DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais do que os homens: duas copas, treze crônicas e dois ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2006.
- FERREIRA, Rodrigo Paste. *Luta e Labuta: O papel social e Econômico da mulher imigrante na região de venda nova do imigrante (ES)*. 1891 a 1927, 136f. Dissertação – UFES, Vitória, 2008. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br>. Acesso em: 10 Fev 2014.
- DERENZI, Luiz Serafim. *Os italianos no estado do Espírito Santo*. Editora Arte Nova: Rio de Janeiro, 1974.
- FAUSTO, B. (Org.) *Fazer a América*. São Paulo: Edusp, 1999.
- FRANZINI, Fábio. *As raízes do país futebol estudo sobre a relação entre o futebol e nacionalidade brasileira (1919 – 1950)*. 120f. Dissertação de mestrado – USP, São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br>. Acesso em 20 mai 2014.
- GOMES apud VIEIRA, Marcílio Mello. *Para um estudo das influências fonológicas do italiano no português falado na cidade de São Paulo – 73.f* USP, dissertação de mestrado, departamento de letras, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses>. Acesso em: 21 fev.2014.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1870*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

JACOBINA, André Teixeira. Futebol: *o esporte bretão que se abrigou*. Revista eletrônica cadernos de História, v. 9, ano 6, nº1, abril, 2012. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br>. Acesso em: 20 mar 2014.

JUNIOR, Hilário Franco. *A dança dos deuses: Futebol, cultura e sociedade*. Companhia das Letras, São Paulo, 2007.

KFOURI, Juca. *O dia que o Palestra continuou no Palmeiras*. 2012. Disponível em: <http://blogdojuca.uol.com.br>. Acesso em: 14 mai 2014.

LAZZARO apud FERREIRA, Rodrigo Paste. *Luta e Labuta: O papel social e Econômico da mulher imigrante na região de venda nova do imigrante (ES). 1891 a 1927*, 136f. Dissertação – UFES, Vitória, 2008. Disponível em: <http://gthistoriacultural.com.br>. Acesso em: 10 Fev 2014.

MIMESSE, Eliane. . *Vislumbres acerca da nacionalização do ensino: o enigma das escolas que italianizaram a cidade de São Paulo*. In: Claudemir de Quadros. (Org.). *Uma gota amarga: itinerários da nacionalização do ensino no Brasil*. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 2013, v. 1, p. 180-198.

PAOLI, Daniele C. Pimenta. *Subsídios ao estudo sobre imigração italiana no Espírito Santo: Pietro Tabachi e a colônia Nova Trento*. 60 f. Monografia (Monografia de História) Centro de Ciências Humanas e Naturais. Departamento de História. Da UFES, Vitória, 2001.

PASQUALINI, Luciano. *A fundação do Palestra Itália*. Academia de História Palestra – Palmeiras, 2009. Disponível em: <http://3vv.com.br>. Acesso em 13 fev 2014.

PEREIRA, R. M. *Washington Luís na administração de São Paulo (1914-1919)*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

RODRIGUES Filho, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4. Ed. Faperf/Mauad, Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. Brasiliense, São Paulo, 1981.

SEABRA ap. MASCARENHAS, Gilmar. *Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia*. Revista Geographia - UFRJ, v. 4, nº 8, 2002. Disponível em: <http://www.uff.br>. Acesso em: 19 nov 2013.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo, Cia. das Letras, 2003.

SKIDMORE, T. Brasil. *De Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)*. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SILVA, André Xavier Da. *História do futebol no Brasil: Uma análise a partir do materialismo histórico dialético*. 57f. Monografia – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br>. Acesso em: 12 mar 2014.

SIMIONATTO, Ivete. *Classes subalternas, lutas de classes e hegemonia: uma abordagem gramsciana*. In: Artigo na Revista Katálysis – Florianópolis UFSC, v.12, n.1, ISSN: 1414-4980 jan./jun, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 29 mar 2014.

TUBINO, Manuel José Gomes. *O esporte no Brasil, do período colonial aos nossos dias*. IBRASA, São Paulo, 1996.

TZU apud MAGNOLI: *História das Guerras*, 4. Ed. – São Paulo: Contexto, 2009.

VIEIRA, Jorge Edilson Reis. *Imigração Italiana: Economia Cafeeira e Industrialização no Brasil – 1890 – 1930*. Monografia Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.avm.edu.br>. Acesso em: 20 mai 2014.

## BIBLIOGRAFIA

ALVITO, Marcos. A parte que te cabe neste latifúndio: O futebol Brasileiro e a globalização, 2006.

ANTUNES, Fátima Martin. Do velódromo ao Pacaembu: o movimento esportivo em São Paulo e a trajetória do futebol, de esporte de elite a paixão nacional. *Revista do Departamento de Patrimônio Histórico*, São Paulo, ano v, n.5, jan. 1998.

CARVALHO, José Murilo de. Os Bestializados. O Rio de Janeiro e a República Que Não Foi - Companhia das Letras, São Paulo, 1987.

DAÓLIO, Jocimar. Cultura: Educação Física e futebol. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1997.

DA MATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. (org.). Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

NEGREIROS, Plínio José L. Futebol e identidade nacional. IN: Encontro de História do Esporte lazer e Educação Física, 1998.

SEABRA, Odette C.L (1987). Meandros dos Rios nos Meandros do Poder Tietê e Pinheiros: Valorização dos Rios e das Várzeas na Cidade de São Paulo. Tese de Doutorado em Geografia Humana apresentada à FFLCH - USP.

\_\_\_\_\_ (2000). Urbanização: bairro e vida de bairro. *Travessia*, São Paulo, set./dez. 2000.

TRENTO, Ângelo. Do Outro Lado do Atlântico - Nobel/Instituto de Cultura de San Paolo/Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro. São Paulo, 1988.



## ANEXOS

Anexo I – Tradução do Estatuto da Società Sportiva Palestra Itália que estava em italiano.

### ESTATUTO PALESTRA ITALIA S. PAOLO, FUNDADA NO DIA 26 DE AGOSTO DE 1914

#### Capítulo I

##### Da sociedade e suas finalidades

Art. 1º - Constituída, com sede e domicílio jurídico em S. Paulo, uma Sociedade Italiana "Palestra Itália", fundada no dia 26 de agosto de 1914.

Art. 2º - Finalidade (escopo) da Sociedade é cultivar os esportes em geral e desenvolver o jogo do foot-ball em particular, dando apoio a todas aquelas iniciativas e manifestações que se propõem a finalidade da Educação física, como fator de revigoração da raça [!?!], de integração do caráter e de desenvolvimento do espírito associativo, entre os patrícios in primis, depois entre estes e os filhos do país e os hóspedes de outras nacionalidades.

Art. 3º - Esse programa estritamente esportivo da sociedade poderá ser alargado e integrado com manifestações de caráter diverso (festas sociais, conferências, beneficências etc.), sempre que tais manifestações não contradigam as bases constitutivas da sociedade, mas que antes possam contribuir para a concórdia, ao bom nome e a popularidade da sociedade.

Art. 4º - A sociedade portanto não tem caráter político ou religioso, nem um marco exclusivamente nacionalista, mesmo querendo manter aquele espírito de italianidade que no seu nome, assim como um dos escopos de sua constituição, como consta dos art. 1º e 2º.

#### CAPÍTULO II: Dos sócios

Art. 5º - Podem fazer parte da sociedade, cidadãos de qualquer nacionalidade, residentes em São Paulo ou não, a não ser que vivam no exterior, que aceitem o presente Estatuto e cuja moralidade seja tal que não traga prejuízo moral à sociedade.

Art. 6º - Existem 6 categorias de sócios: Honorários, Beneméritos, Fundadores, Efetivos, Perpétuos e Contribuintes.

Coma a: são sócios Honorários aqueles que são nomeados tais pela Assembleia, com base da proposta do Conselho Diretivo.

Coma b: são sócios Beneméritos aqueles que são nomeados pela Assembleia, com base na proposta do Conselho Diretivo.